



No jardim das memórias:

cotidianos escolares a partir das narrativas dos trabalhadores rurais.

Daniele de Oliveira Garcia

Orientador: Marcos Antônio dos Santos Reigota

Figura 1: Escola primária no bairro Sabiá-Una. Foto: Gerson Júnior

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Daniele de Oliveira Garcia

**No jardim das memórias:
cotidianos escolares a partir das narrativas dos trabalhadores rurais.**

Sorocaba
2022

Daniele de Oliveira Garcia

**No jardim das memórias:
cotidianos escolares a partir das narrativas de trabalhadores rurais.**

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio dos Santos Reigota

Sorocaba
2022

Ficha Catalográfica

G198n Garcia, Daniele de Oliveira
No jardim das memórias : cotidianos escolares a partir das
narrativas dos trabalhadores rurais / Daniele de Oliveira Garcia. –
2022.
168 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio dos Santos Reigota
Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Sorocaba,
Sorocaba, SP, 2022.

1. Educação – Finalidades e objetivos. 2. Prática de ensino. 3.
Trabalhadores rurais. 4. Memória autobiográfica. 5. Freire, Paulo,
1921-1997. I. Reigota, Marcos, orient. II. Universidade de Sorocaba.
III. Título.

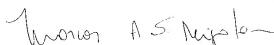
Daniele de Oliveira Garcia

No jardim das memórias: cotidianos escolares a partir das narrativas de trabalhadores rurais.

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Educação.

Aprovado em: 16 de Fevereiro de 2022.

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Marcos Antonio dos Santos Reigota

Universidade de Sorocaba



Profa. Dr. Eduardo Silveira

Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC



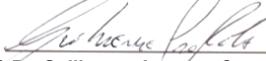
Profª Drª Daniela Aparecida Vendramini Zanella

Universidade de Sorocaba - Uniso



Prof. Dr. Thiago Henrique Barnabé Corrêa

Universidade de Sorocaba – Uniso



Prof. Dr. Guilherme Augusto Caruso Profeta

Universidade de Sorocaba - Uniso



Figura 2: Botinas em repouso. Foto: André de Oliveira Rosário.

Dedicatória

Àqueles que vieram antes de mim.

Àqueles que irão comigo.

Dos campos, das lavouras.

Dos tanques e dos fogões.

Das senzalas e dos navios.

Dos bancos da escola.

Para que se vejam os invisíveis.

Agradecimentos

Ao Prof. Marcos Reigota e sua presença transformadora em minha história.

Aos colegas do grupo Perspectiva Ecologista da Educação, que comigo caminham neste tornar-me pesquisadora em Educação, em especial: José Neto, Leonardo, Íris, Tânia, Givanildo e Patrícia, com os quais convivi diretamente.

Aos professores da banca de qualificação, pela leitura e contribuições valiosas: Daniela, Fernando e Thiago, co-cuidadores do meu jardim.

À linha de pesquisa História e Historiografia, em especial à Profa. Vânia Regina Boschetti, que me acolheu como estudante regular do PPGE-Uniso.

Ao meu amigo Leo Victorino, pela parceria profissional e amizade de muitos anos.

À professora Denise Gomes Luz, que aceitou o convite para a banca de defesa e por ser presença inspiradora e carinhosa. Por igual ajuda e carinho, à professora Maria Ogécia Drigo. Ao professor Guilherme Profeta, pelos diálogos e presença na banca de defesa.

Ao professor Eduardo Silveira, com quem dialogo na banca de defesa, pelo aceite e pela inspiração.

Ao meu marido, Gerson e ao meu filho Francisco que compreenderam as minhas ausências aceitaram embarcar no meu jardim de memórias.

Ao meu sobrinho, André de Oliveira Rosário, que contribuiu com fotos, olhares e diálogos.

Ao Prof. Roberto Samuel Sanches, que compartilhou comigo seus registros de flores pelo caminho.

Aos professores que marcaram minha formação multidisciplinar até aqui: Marleine Paula, Roberto Gill, Luiz Fernando Gomes, Alexandre Blaitt, Luiz Percival, Luisa Paraguai, Miriam Cris Carlos, Luciana Coutinho.

Aos estudantes de todas as áreas pelas quais transitei, em especial às turmas de Jornalismo, Publicidade e Relações Públicas que alimentam minhas esperanças, sempre.

À Fundação Dom Aguirre pela bolsa de estudos.

Aos colegas professores da Uniso e da Athon.

Aos meus pais, tios, irmãos e antepassados. Protagonistas desta narrativa.



Ainda fazem da flor
seu mais forte refrão

Figura 3: Florada de Primavera na entrada da Uniso - Cidade Universitária. Foto: Roberto Samuel Sanches

Resumo

Este trabalho propõe um passeio no jardim de memórias da autora, jardineira-professora-pesquisadora e de seus sujeitos de pesquisa: trabalhadores da lavoura do interior de São Paulo - seus pais, tios e antepassados. Os relatos das memórias ensejam contemplar os objetivos diversos desta tese: tornar visíveis e relevantes as histórias destes sujeitos (retratos do Brasil Profundo) e, assim, trazer à tona cotidianos escolares diferentes, que transbordam e invadem as práticas pedagógicas da autora, quando se vê (e assume a) posição ética, política e pedagógica de educadora freireana (Reigota, 2020). A tese é organizada em capítulos intitulados “cantos do jardim”, blocos de sentido não sequenciais, que podem ser lidos à escolha do leitor. Os primeiros capítulos recebem o nome flores: Flores de Uva, A flor do professor, Girassóis e Dente de Leão. Há também outros cantos, que não recebem o nome de flores, uma vez que são espaços diferentes do jardim: o canto “banco do jardim” é o espaço do diálogo com os autores que acompanham durante o processo de escrita desta tese: Fernando Frochtengarten (2005), Eclea Bosi (1983), Marcos Reigota (1999, 2008, 2019 e 2020), Antonio Cândido (2017), bell hooks (2021), Paulo Freire (2011, 2013, 2019, 2020 e 2021), Peter Spink (2008), entre outros. O canto “Flores perfumadas” apresenta o momento em que a tese torna-se objeto de si mesma: quando afeta-se e transforma-se por meio do contato com outras narrativas e memórias de estudantes trabalhadores que chegam ao Ensino Superior (sendo eles, muitas, vezes, os primeiros representantes de suas famílias a ocupar estes espaços). Por fim, o canto Passaredo, tem o nome dedicado à colega do grupo Perspectiva Ecologista, Marta Catunda, que faleceu durante o processo de escrita desta tese. O Passaredo, apresenta aos leitores um “jogo de memórias” desenvolvido a partir dos objetos geradores que motivaram as lembranças narradas neste trabalho. O jogo, como conteúdo pedagógico, convida para que outros educadores-jardineiros possam cultivar sentidos e aprendizagens. Desta forma, entende-se que as memórias desta jardineira e de seus sujeitos, partem de uma dimensão individual para pertencimento coletivo, uma vez que se que a pesquisa gera reflexos e reflexões a partir de sua leitura, além de almejar lançar sementes para o cultivo de outros jardins.

Palavras-chave: Memórias de trabalhadores rurais. Perspectiva Ecologista da Educação. Cotidiano Escolar.

Abstract

This work proposes a walk in the memories garden of the author, gardener-teacher-researcher and her research subjects: agricultural workers in the interior of São Paulo - their parents, uncles and ancestors. The narratives allow us to contemplate the different objectives of this thesis: to make the stories of these subjects visible and relevant (portraits from Deep Brazil) and, thus, bring to light different school routines, which overflow and invade the author's pedagogical practices, when one sees (and assumes the) ethical, political and pedagogical position of a teacher Freireana (Reigota, 2020). The thesis is organized into chapters entitled "corners of the garden", non-sequential blocks of meaning, which can be read at the reader's choice. The first chapters are called flore: Flores de Uva, A flor do professor, Girassóis and Dente de Leção. There are also other corners, which are not named after flowers, since they are different spaces from the garden: the corner "banco do jardim" is the space for dialogue with the authors who accompanied the writing process of this thesis: Fernando Frochtengarten (2005), Eclea Bosi (1983), Marcos Reigota (1999, 2008, 2019 and 2020), Antonio Cândido (2017), bell hooks (2021), Paulo Freire (2011, 2013, 2019, 2020 and 2021), Peter Spink (2008), and others. The chapter "Flores Perfumadas" presents the moment when the thesis becomes an object of itself: when it affects and transforms itself through contact with other narratives and memories of working students who arrive at Higher Education (being them, often the first representatives of their families to occupy these spaces). Finally, the song Passaredo is named after a colleague from the Perspectiva Ecologista group, Marta Catunda, who died during the writing process of this thesis. Passaredo presents readers with a "memory game" developed from the generating objects that motivated the memories narrated in this work. The game, as pedagogical content, invites other educators-gardeners to cultivate senses and learning. In this way, it is understood that the memories of this gardener and her subjects start from an individual dimension for collective belonging, since the research generates reflexes and reflections from its reading, in addition to aiming to sow seeds for cultivation. from other gardens.

Keywords: Rural workers memories. Ecological Perspective of Education. Daily School.

Pra não dizer que não falei das flores...

Guia para leitura da tese

Pode se chegar
Já era hora, tome teu lugar
O que eu mais quero é tua companhia
Agora sei o que antes não sabia

Tiago Iorc e Agnes Nunes. **Pode se chegar.**

Para ouvir: <https://www.youtube.com/watch?v=zFITOmA3SgI>

Cara leitora, caro leitor, considerem esta tese como um passeio no jardim. Não há, portanto, um roteiro pronto para a visita. Ele se apresenta em uma sequência escolhida por mim, mas não há uma ordem cronológica para os acontecimentos. Há, sim, um fluxo de memórias. São várias cores, aromas, sonoridades. Pode começar por onde quiser.

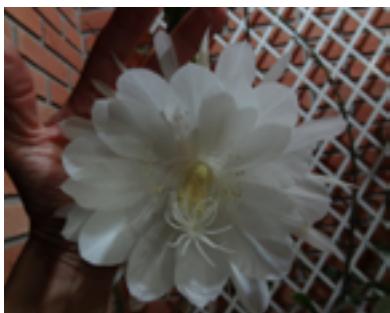
A experiência e os sentidos diante deste texto (verbal e imagético) devem se construir também a partir do que você traz consigo. De nosso encontro, dos nossos afetos e das “poéticas do acontecimento” (Romaguera, 2016).

Cada capítulo recebe o nome de uma flor, com características visuais e anatômicas que poderiam ser associadas à pretensão de cada agrupamento de blocos de texto. O capítulo banco do jardim é onde me encontro – e nos encontramos – com os autores que estão nas entrelinhas desta pesquisa. (Volte a ele sempre que necessário descansar, retomar...).



Flores da uva

Neste espaço do jardim, apresentam-se as sementes que germinaram esta pesquisa, no encontro com a “bio:grafia” (Reigota,2008) desta jardineira-pesquisadora-professora.



A flor “do professor”

(Dama da noite)

Quando a flor do professor se abre, nos quintais, todos se encontram para contemplar. Nesta ala do jardim, encontram-se as memórias relacionadas à educação como prática da liberdade (Freire, 2013) no cotidiano dos “invisíveis”.



Girassóis

Neste espaço do jardim, a pesquisadora encontra-se com os colegas pesquisadores do grupo Perspectiva Ecologista da Educação em diálogos “livres como girassóis de Van Gogh” (Baco Exu do Blues, 2018). A “vibrante presença” (Barchi,2017) de Marcos Reigota como orientador desta pesquisa, recebe um canto especial neste texto. Aqui encontram-se as memórias das aulas e seminários, dos aprendizados em convivência e das leituras que tornaram esta tese “objeto de si mesma”.



Dente de Leão

na florada de dente-de-leão, encontram-se os afetos que esta pesquisa causou na prática da pesquisadora, também professora, gerando resultados em produções dos estudantes com os quais se encontra no meio do caminho.



No banco do jardim

No espaço de descanso, os autores sentam-se ao nosso lado para inspirar e fundamentar o que se registra nesta tese.



Flores perfumadas

Neste espaço, apresentam-se os devires desta tese. Ao que se pretendia e ao que se apresentou. Aos aromas que podem ser percebidos pelas vielas, ruas, campos e plantações. O que se pode perceber neste tempo, neste espaço e nestas condições de elaboração.



Passaredo

Neste espaço, o jardim se apresenta a seus primeiros leitores. No passaredo, encontra-se o Jogo das Memórias, desenvolvido a partir dos objetos geradores que motivaram as lembranças aqui narradas. O jogo, como conteúdo pedagógico, convida para que outros leitores possam construir sentidos e aprendizagens. O nome deste canto do jardim é dedido à passarinha Marta Catunda.

Legenda das imagens:

Figura 4: Flor de uva

Figura 5: Dama da noite

Figura 6: Girassóis

Figura 7: Dente de leão

Figura 8: Banco de jardim

Figura 9: Flores perfumadas.

Figura 10: Pássaro. Foto: José Neto.

As imagens das flores que nomeiam cada espaço da tese foram gentilmente cedidas pelo Prof. Roberto Samuel Sanches, que desenvolveu o hábito de fotografar as flores que encontrava pelo caminho.

Como se vê cada canto do jardim

Nos espaços intitulados Porta do Jardim encontram-se as narrativas desenvolvidas a partir dos objetos geradores de memórias: objetos que se vinculam afetivamente aos sujeitos desta pesquisa e que permitiram que as narrativas fossem registradas pela pesquisadora. A escolha metodológica do “objeto gerador” é apresentada no espaço “Flores de Uva”.

Os autores que fundamentam esta tese encontram-se nas entrelinhas das narrativas e estão conectados ao banco do jardim, que apresenta os diálogos com os autores estudados.

A close-up photograph of a grape inflorescence, showing numerous small, green, bell-shaped flowers. The flowers are arranged in a dense, branching cluster. The background is a soft, out-of-focus green. A white rectangular box is centered horizontally across the middle of the image, containing the text "Flores de Uva" in a black serif font.

Flores de Uva

Flores da uva

Neste espaço do jardim, apresentam-se as sementes que germinaram esta pesquisa, no encontro com a “bio:grafia” (Reigota,2008) desta jardineira-pesquisadora-professora.

Na porta do Jardim: Um óculos para Daniele

Quando era criança, aos 4 anos de idade, tive duas grandes descobertas em minha (ainda curta!) trajetória de vida: a primeira era que eu não enxergava bem. Sentava-me no fundo da sala, e me esforçava muito para enxergar as palavras escritas no quadro negro. Não sabia ler, tampouco podia ver. Foi minha professora que percebeu a angústia. Demorava para terminar a lição! Um dia, ela orientou meus pais a me levarem para um oftalmologista. Um mês depois voltei com um par de óculos: pouco mais de 5 graus de miopia. Eu não sabia como era enxergar. E meu pai dizia que a escola ia me ajudar a “enxergar as coisas”. Não esperava que fosse literalmente.

A segunda descoberta foi que, na escola, nem todos eram vistos. E não era porque todos precisavam de óculos... Havia um menino, Admilson, filho do senhor que fazia a faxina da igreja, que às vezes não tinha lanche para levar à escola. E ele esperava ansiosamente a hora da merenda. Nos primeiros dias vários comentavam: “coitado, não trouxe suco – tome um pouco do meu”... Mas depois todos se acostumaram com o fato. “Ele não levava seu lanche e seria assim todos os dias”.

Passados vários anos, quando fui à rodoviária tomar o ônibus para ir à faculdade, estava cansada, sentada em um banco isolado. Naquele momento, desejava não ser vista. E quem me viu foi o Admilson. Ele era agora um morador de rua. Chegou perto de mim, pediu uma moeda e quando olhei para seus olhos foi que o re-

Miguilim olhou. Nem podia acreditar! Tudo era uma claridade, tudo novo e lindo e diferente, as coisas, as árvores, as caras das pessoas. [...] E tonteava. Aqui, ali, meu Deus, tanta coisa, tudo... O senhor tinha retirado dele os óculos, e Miguilim ainda apontava, falava, contava tudo como era, como tinha visto. Mãe esteve assim assustada; mas o senhor dizia que aquilo era do modo mesmo, só que Miguilim também carecia de usar óculos, dali por diante (...).

ROSA, João Guimarães. Manuelzão e Miguilim. 9ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 139. (Fragmento)

conheci. “Nós estudamos juntos, você lembra? Na escolinha do Santa Cruz! Bons tempos aqueles de criança”, ele disse. Infelizmente eu não tinha nenhuma moeda, mas tinha um lanche preparado para comer no intervalo da faculdade. Dei a ele, que agradeceu repetidamente.

“Ele não levava seu lanche e seria assim todos os dias”.



Figuras 11 e 12: Fotografias de Philip Barlow sobre a condição da miopia. Fonte: <https://www.instagram.com/philipbarlow/>. Acesso em 13.out.2021



Philip Barlow, artista sul africano especializado em obras hiperrealistas, criou uma série de imagem que reproduzem como é viver na condição da miopia. Ele retrata com perfeição o efeito borrado/embaçado com que o míope enxerga, podendo assim uma pessoa com a visão normal entender como seria a vida com miopia.

Objeto gerador desta memória:

O item “inventário dos objetos geradores” apresenta descrição de todos os objetos apresentados ao longo da tese, que tornam-se as imagens do jogo de memórias produzido a partir deste trabalho.

Óculos

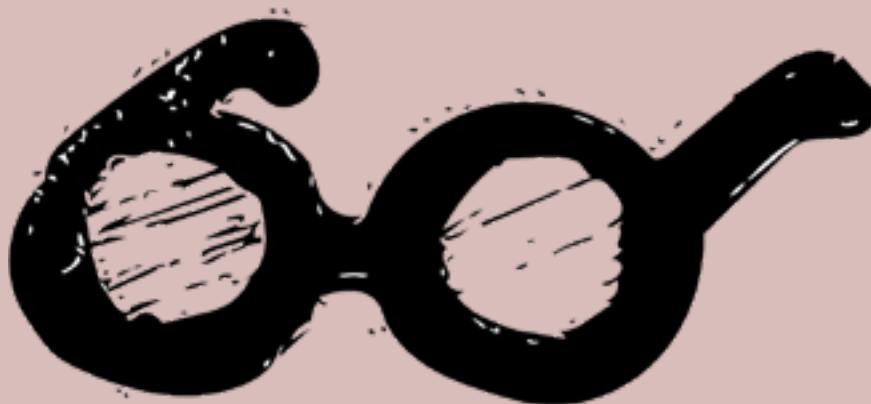


Figura 13: Óculos. Desenho de Ana Clara Araújo de Oliveira

Os inícios

Esta pesquisa inicia-se ao tempo da história da pesquisadora. E inicia “muito antes do seu princípio”. Sou a sexta filha de pais que trabalharam boa parte de sua vida na lavoura, em um sítio na cidade de Itapetininga, interior de São Paulo. Os meus irmãos que nasceram primeiro vieram ao mundo com a ajuda de parteiras, ainda no sítio. As três mulheres, mais novas, incluindo eu, tivemos o privilégio de nascer no hospital.



Figura 14: Meus pais e 4 de meus irmãos. Os 3 mais velhos nasceram no sítio. Fonte: Acervo da família.



Figura 15: carteirinha de estudante no Instituto Universal Brasileiro. Fonte: Acervo da família

Figura 16: meu pai quando trabalhou na CBA. Fonte: Acervo da família.

Tivemos, todos, uma vida comum - no que se considera comum para um trabalhador: algumas vezes nos faltava a mistura, mas o arroz e feijão sempre chegava à mesa.

Meus pais estudaram até o terceiro ano, em uma escola rural. Meu pai, sendo homem, segundo ele, teve mais sorte: além dos anos na Educação Básica, teve a oportunidade de fazer o curso de Eletricidade via Instituto Universal Brasileiro, sob o incentivo da Companhia Brasileira de Alumínio, onde trabalhou por um tempo.

Minha mãe, sendo mulher, segundo ela, não tinha tempo para estudar: foi alfabetizada já adulta e parou no terceiro ano. Casou-se aos 14 anos e passou boa parte da vida entre tanque-lavoura-cuidados com os filhos.

O casamento dos meus pais fora um acordo entre famílias. Um destinado ao outro, sem escolhas pessoais. A bisavó de minha mãe, escrava, sofreu muitos abusos durante sua vida e, sonhava com a libertação – verdadeira - de seus descendentes.

Minha avó materna, Julieta, mulher forte e sempre alegre – pela definição de minha mãe - teve 12 filhos: 5 mulheres e 7 homens. Quatro das mulheres: Elza, Lia, Carmelina, Nirce (minha mãe) foram destinadas aos seus noivos, brancos. O desejo era que elas encontrassem, no casamento, uma maneira de libertar os descendentes da condição e do destino já traçado: preconceito racial, pobreza e abusos. Francisca, a filha “desertora” foi a única a desafiar a recomendação e casar-se com um negro, por quem foi verdadeiramente apaixonada.

Minha mãe, mais obediente, foi destinada ao meu pai. Ele, por sua vez, descendente de imigrantes italianos: o filho mais velho de uma família de 7 irmãos. Os meus avós paternos, embora também carregassem um passado de abusos – já que de descendência direta de pessoas que vieram para o país trabalhar, tinham algo que, a família de minha mãe considerava vantagem: eram todos brancos.



Figura 17: meus tios e avós maternos. Fonte: Acervo da família.



Figura 18: Meus familiares paternos, imigrantes italianos que chegaram no Brasil para trabalhar. Fonte: Acervo da família.

A libertação de minha mãe foi o casamento. A libertação do meu pai, o trabalho. Sonharam eles com a libertação de seus filhos. A chave de alforria, a educação.

A pior escravidão do ser humano é a escravidão conceitual. Escravidão conceitual ocorre quando o ser incorpora conceitos que explicam e orientam sua vida introjetando a ideia de inferioridade, da submissão, de ignorância. Era este o sentido profundo de escravidão conceitual, de escravidão invisível e internalizada que Freire buscava trazer à luz e romper. (GOERGEN, 2018)

Meus irmãos e eu tivemos a oportunidade de estudar. Minha irmã “do meio”, foi a primeira a chegar ao Ensino Superior: trabalhava durante o dia todo para pagar o curso de Jornalismo em uma cidade vizinha de Tatuí, onde morávamos à época.

Eu fui a segunda a ingressar na Universidade. Tendo o sonho de ser professora, ingressei no curso de Letras aos 17 anos, como bolsista do PROUNI, que ofertou, em 2005 suas primeiras bolsas de estudo. Viajava todos os dias cerca de 2 horas, de Tatuí a Sorocaba e, durante o dia, trabalhava em horário comercial em um escritório de contabilidade.

Impulsionada por minha paixão pela literatura, fui atraída para o curso de Letras, muito animada para estudar todos os autores que havia conhecido durante o Ensino Médio. No primeiro semestre, tivemos várias disciplinas pedagógicas também outras, focadas na linguística e na gramática.

Eu esperava ansiosamente pela quinta-feira, quando acontecia a aula de Literatura. A professora era Marleine Paula que, com seu olhar doce e firme, nos apresentava uma introdução aos estudos literários. Foi a Profa. Paula que me apresentou a um autor que ainda não conhecia: Milton Hatoum. Na ocasião da disciplina, lembro-me que ela pediu que a turma lesse Dois Irmãos, para uma apresentação que ocorreria no fim do semestre. Houve até um evento com a participação do autor. Terminei a leitura de Dois Irmãos em menos de uma semana. Então, comecei a juntar dinheiro para comprar os outros livros do Hatoum. Comprei depois, Cinzas do Norte e Relatos de um certo oriente. Foram meus primeiros livros comprados para a faculdade.

As aulas de literatura me permitiam perceber a certeza de que estava no curso certo. No entanto, algum tempo depois, a Profa. Marleine saiu da instituição. Senti-me, então “orfã” e passei a procurar outros caminhos que me inspiravam. Fui parar na Educação a Distância, e o Prof. Luiz Fernando Gomes me “adotou”.

Quando conheci o Prof. Marcos Reigota, em uma das primeiras aulas ele nos falou do Milton Hatoum e contou que havia estudado com ele para redigir os seus textos. Lembrei-me, de imediato, do meu primeiro semestre no curso de Letras. Lembrei-me de como era bom sentar-me com meus colegas e conversar sobre literatura. Todos meus amigos mais próximos, com os quais fazia os trabalhos, eram bolsistas do PROUNI, como eu. Nenhum de nós conhecíamos o Milton Hatoum antes da faculdade: nossas aulas de literatura aconteciam, às muitas custas pelo esforço dos professores, que tentavam compensar a escassez de livros na biblioteca.

Quando ouvi o Prof. Marcos, veio nitidamente à minha memória o seminário que apresentamos sobre Milton Hatoum. Lembrei-me da dificuldade que

tivemos para ler o livro, em suas entrelinhas. Mas também me lembro de como foi bonito quando entendemos.

Confesso que, naquele dia, não me lembro muito bem do conteúdo que veio na sequência da aula do Prof. Marcos. Meu coração parou no Hatoum.

“Dani, querida, preciso dizer que você é bicho solto. E “pula de galho em galho”. Disse-me um dia um amigo. Duras palavras. Ele se referia ao fato de eu lhe confidenciar que desejava estudar Design, assim que concluísse Letras, enquanto ele se preparava para mergulhar no universo da linguística.

Admitindo a verdade destas palavras, tentei amenizar o fato, pensando que, na copa de cada árvore tenho a oportunidade de conhecer um canto da floresta que ainda não desbravei. E com olhar panorâmico. Para mim, atraía mais a visão da floresta, mais que a construção de um ninho em uma delas. Agora que já tenho óculos, posso ver o que quiser.

Assim, embora já estivesse estagiando e trabalhando como professora eventual nos últimos períodos do meu curso, decidi estudar Design Gráfico (ainda sem saber o que o curso significava). Como ainda não tinha dinheiro, com a ajuda de um professor da graduação, consegui um estágio na Uniso e pude concluir o curso.

Neste tempo, de estagiária, fui efetivada como funcionária no administrativo da Universidade, na área de Educação a Distância. Cursei então, minha especialização em Design Educacional e, em seguida, o mestrado em Comunicação e Cultura. Saltei vários galhos e trabalhei exatos 3 anos “nos bastidores” da Educação Superior. Mas, meu desejo era ser professora. Então, quando surgiu a oportunidade de voltar à sala de aula, na Uniso, minha casa de formação, não pensei duas vezes.

Concluí o meu mestrado em 2015 e pensei que já era tempo de parar, escolher uma árvore e construir o meu ninho. Então, foquei no meu trabalho mais 3 anos, quando, novamente, ouço a cantiga – tal qual a do boto cor-de-rosa: “vai lá, tente ingressar no doutorado em Educação”. Tentei, via linha História da Educação e fui acolhida pela Profa. Vânia Boschetti. Essa era a minha árvore mas, parece que ainda não era o meu galho.



Figura 19: Das árvores que plantamos. Paineira plantada pelo Prof. Aldo Vannuchi na Cidade Universitária – Uniso. Foto: Roberto Samuel Sanches.

E, entremeios e entre afetos outro galho me chamava: Perspectiva Ecológica de Educação.

Valei-me, Deus
É o fim do nosso amor
Perdoa, por favor
Eu sei que o erro aconteceu

Mas não sei o que fez
Tudo mudar de vez
Onde foi que eu errei?
Eu só sei que amei
Que amei, que amei, que amei

Será, talvez
Que minha ilusão
Foi dar meu coração
Com toda força

Pra essa moça me fazer feliz
E o destino não quis
Me ver como raiz
De uma flor de lis

Djavan. **Flor de Lis.**

Para ouvir: <https://www.youtube.com/watch?v=b-N5thGuBYs>

Formação “de doutora”.

Enquanto assistia à banca de defesa de doutorado de minha colega Tânia Aversi, meu filho, Francisco, então com 7 anos, se aproximou da tela do computador.

- Quem são eles?

- São meus colegas, professores.

- Humm... E quem está administrando esta reunião?

- É este, o Prof. Marcos.

- Ah, então é uma aula? ...E por que esta moça está chorando?

- É uma defesa de doutorado, Francisco. Ela está chorando de felicidade. É como se fosse uma formatura, sabe?

- Sei.

- E, em breve, se tudo der certo você vai participar da minha.

- Sua formatura? Mas você não passou por isso já?

- Passei, mas agora é o doutorado. É especial

(Espanto!) – Você vai virar médica, mamãe?

- Não filho, doutora em Educação.

- Ah, já sei! Você vai cuidar das palavras doentes. Você fez Letras, não é?

Quase isso, filho.

Em minha primeira disciplina do Doutorado em Educação, meus colegas e eu recebemos do Prof. Marcos Reigota – que ainda não era meu orientador - o desafio de sintetizar os nossos “Seminários avançados em educação escolar” em um texto com características de apresentação formal diferentes de um artigo acadêmico:

Escreva um texto, com no mínimo três páginas e no máximo 10 páginas, narrando o seu processo de (re) aprender o Brasil, incluindo nele o seu processo de tornar-se um/a pesquisador/a em educação diante dos desafios sociais e políticos evidenciados e discutidos na Universidade de Sorocaba e em outros lugares em que você atua, ao longo do primeiro semestre de 2019.

. Na semana em que recebemos a proposta do trabalho final da disciplina, havia desenvolvido um diálogo com meu pai: tentava explicar para ele como era um curso de doutorado. “Você vai para a escola todos os dias?”, “é um professor para cada matéria?”... Eram tantas as perguntas, que pensei que, talvez, fosse justo escrever a minha narrativa da primeira disciplina em formato de uma carta destinada ao meu pai. Quem mais ficaria tão feliz em saber sobre meu processo de “tornar-me pesquisadora em educação”, se não o Sr. José Augusto?

Pensando em escrever minha carta, tomei meu caderno de anotações, os fichamentos das leituras que fiz e me empenhei em redigir um texto afetivo, mas, ao mesmo tempo, bastante teórico, uma vez que considerava importante, para minha avaliação da disciplina, incluir minhas percepções dos debates que fizemos. Naquela oportunidade, minha turma e eu tivemos contato autores importantes que marcaram o processo de constituição e instituição da educação escolar no Brasil, como Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Florestan Fernandes e Paulo Freire, por meio dos diálogos estabelecidos em artigos de autoria de professores e professoras do PPGE – Uniso, que estiveram presentes nas aulas mediando os debates.

Lembro-me, que diante de minha leitura (trêmula) do texto, o Prof. Marcos destacou a importância de se considerar pessoas como meu pai – caipira, lavrador, “invisível”, como sujeito de direitos, retrato de um Brasil profundo, infelizmente distante dos olhares de pesquisa e dos bancos da escola. Ele também destacou algo que fora, para mim muito marcante: eu tinha a nobre intenção de aproximar-me do meu pai, mas, sendo contraditória, acabei usando em meu texto termos, conceitos, palavras e significados muito próximos do universo acadêmico e distantes de pessoas simples, como meu pai.

Assim, meu texto cumpriria bem o propósito de ser um texto destinado a minha avaliação, mas, certamente, não seria um texto verdadeiramente compreensível pelo Sr. José Augusto. A consideração do Prof. Marcos sobre o meu texto, provocou-me uma reflexão profunda. Ouso dizer que fez com que eu encontrasse o meu lugar. A linguagem, que tanto amava (e que, para mim, permitiu o exercício da liberdade e da “remissão”) mais me separava do que aproximava de minha própria história, mais me distanciava da consciência dos sentidos que carrega o fato de eu, filha de lavradores, estar matriculada em um programa de Doutorado em Educação.

Há que se cuidar da vida. Há que se cuidar do mundo.

No meu segundo semestre como aluna do doutorado, decidi matricular-me na disciplina Cultura e Meio Ambiente, que não era obrigatória para a minha linha de pesquisa, mas que muito me encantava.

Assim, tive a oportunidade de assistir aos seminários de meus colegas orientandos do Prof. Marcos e integrantes do grupo Perspectiva Ecologista da Educação: Tânia, Íris, Patrícia, Leonardo. Como estava matriculada naquela disciplina, para minha avaliação, o professor solicitou que eu também participasse apresentando um único seminário. Foi, então, a oportunidade de retomar o diálogo

go com meu pai, e, talvez, preencher aquela lacuna que minha carta havia deixado.

Decidi, então, gravar com ele um vídeo, pedi que contasse suas memórias do tempo da escola, coisa que ele fez com orgulho, preparando-se para o momento solene: vestiu a melhor roupa, penteou o cabelo, escolheu as palavras. Entrava eu em um caminho sem volta.



Figura 20: Vídeo gravado para a atividade de encerramento de disciplina. Fonte: a autor-

Link para o vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=2c22DDKW2Yo>

A partir deste momento, surgiram as questões que passaram a recheiar minhas reflexões mais profundas: o que o relato – tão simples - de meu pai traz de significativo para os estudos da educação? Qual a importância de trazer à visibilidade estas pessoas, como sujeitos de suas vidas e de suas histórias.

Foi um caminho sem volta. E, neste momento, solicitei, a mudança

de linha de pesquisa, tendo a ousada pretensão de ser orientada pelo professor Marcos. Compreendi, que meu doutorado só faria sentido se retratasse a minha história. Que não poderia ser isenta, neutra. Que meu projeto e minha história se confundiam e que eu sou – apenas uma – das representantes de um grupo maior. De estudantes que chegaram ao Ensino Superior, contrariando o que lhes fora “prescrito” para a história.

Quem acreditaria que estas pessoas, tão simples, que estas memórias, tão pessoais, que estes retratos, tão comuns e invisíveis, poderiam virar tema de pesquisa?

O professor Marcos Reigota acreditou.

....

Deste momento até a organização de minha tese, no grupo Perspectiva Ecologista da Educação, tenho me ocupado de debulhar memórias. Em confronto com a linguagem que afastava, encontrei-me com a teoria do pesquisador conversador (Peter Spink), passando a compreender que os espaços de pesquisa transbordavam os nossos cotidianos e encontrando-me com o um olhar de igualdade para a direção do outro: alguém que dialoga e que não se coloca em um degrau acima ou em uma postura superior e analítica diante do outro a ser retratado.

Aproximei-me, também dos autores da psicologia social – Ecléa Bosi e Fernando Frochetengarten– e dos estudos das narrativas ficcionais, do Prof. Marcos Reigota. Decidi, então, contar as memórias destas pessoas para que, por meio delas, as questões teóricas pudessem emergir e as pessoas – invisíveis surgissem como destaque, em seu lugar devido.

Os objetos geradores

Para cumprir este propósito, pensei, inicialmente, em entrevistar pessoas de minha convivência familiar, estruturando um roteiro de conversa que permitisse que elas trouxessem as memórias à visibilidade. No entanto, acabei percebendo que a entrevista, por sua “aura” formal acabava por me distanciar dos sujeitos. Diante deste impasse, decidi desenvolver minhas narrativas a partir dos objetos, que comecei a catalogar de minhas memórias. Então, ao conversar com meus familiares e com minha própria memória pessoal, encontrei alguns “objetos geradores”, que permitiram que as conversas acontecessem. Ao apresentar a imagem destes objetos, sensações, memórias e acontecimentos à tona. Assim, aquele objeto, simples, carregava, pela percepção que tive, múltiplos sentidos na vida das pessoas com as quais ele conviveu.

Por exemplo, em vez de perguntar “Quais foram suas histórias mais marcantes do tempo em que estudou?”, mostrei o boletim escolar de um de meus irmãos, já falecido e, este objeto boletim permitiu que várias histórias viessem à tona.

Também, sentada à mesa, enquanto meu pai escrevia, com muito capricho uma lista de compras no mercado, conversei sobre o seu processo de leitura e alfabetização. Assim foi com vários objetos, entre eles: o facão do benzimento, que cura toda “íngua”, o café de toda a tarde de conversas no entorno da mesa. Estas histórias contadas pelos objetos estão posicionadas ao longo desta tese, na abertura de cada espaço do jardim. E são elas, as memórias, que conduzem o caminho destas narrativas.

Os sentidos dos objetos

Paulo Freire, em seu método (tão criticado no contexto contemporâneo) descreve as “palavras geradoras”, como parte importante no trabalho de alfabetização dos adultos trabalhadores. Para ele, a identificação dos sujeitos com o conteúdo era essencial para o processo de aprendizagem. Por isso, escolheu dezessete palavras que faziam parte do universo vocabular do espaço onde sua pesquisa inicial se desenvolveu: estado do Rio e Guanabara. Mais que isso, os sentidos carregados pelas palavras escolhidas por Freire, descritas no apêndice de Educação como Prática para Liberdade (2020) transcendem o significado da própria palavra, atingindo uma dimensão mais profunda quando relacionada à realidade das pessoas e proporcionando diálogos sobre situações opressoras de seus cotidianos.

Maria Esther Maciel (2004), por sua vez, reúne na obra intitulada a “Memória das coisas” uma série de artigos que trazem a tona o trabalho de artistas plásticos, cineastas, poetas, que produziram reflexões profundas sobre o vínculo entre os seres humanos e os objetos que fazem parte de suas atividades do cotidiano, a exemplo de Carlos Drummond de Andrade, que, segundo ela, em sua obra “Lições de coisas”, “faz da figuração dos objetos do cotidiano uma forma de leitura do espaço íntimo das casas e das pessoas que as habitam” (Maciel, 2004, p. 104). Ou ainda, Arthur Bispo do Rosário, artista que desenvolve uma taxonomia de objetos como navios de madeira, rodas de bicicleta, panos, entre outros, na intenção de produções registro de sua passagem na terra.

Também Ecléa Bosi, dialogando com Violette Morin (1969) chama os objetos que, ao longo do tempo envelhecem com seu possuidor e representam, assim, experiências e “aventuras afetivas” (p.360) de “objetos biográficos”. Para estas autoras os objetos biográficos são preciosos, permitindo aflorar lembranças de valor inestimável.

Esta afirmação pode ser observada em uma situação que guardo em minha memória: quando do falecimento do meu avô paterno, Sr. Antônio, houve uma incursão ao interior da sua casa e os filhos correram para coletar os objetos de valor: a televisão, a geladeira nova, o sofá ainda pouco usado. Um objeto, no entanto, foi o que mais chamou atenção do meu pai: “para mim não precisa nada, podem separar o chapéu que o pai usava”. E, de fato, aquele chapéu, que era o “chapéu de missa”, acompanhou Sr. Antônio em muitos momentos importantes de sua vida: casamento das netas, celebração de suas bodas de ouro, noitadas de cururu no terreiro.

Atrelados e carregados de sentidos dos cotidianos, os objetos como parte da história de cada um tem sua existência também vinculada à memória. Enquanto se lembra a que serviram, os sentimentos, as indagações, as revoltas que causaram, é ainda possível classificá-los no universo da existência concreta. Em oposição, ao sofrer a ação natural do tempo, as intempéries da vida, os objetos – e as pessoas vinculadas a eles – poderiam, aos poucos deixar de existir. O poeta Manoel de Barros, em seu “Memórias inventadas”, desenvolve esta reflexão ao descrever um desobjeto: um pente, que sofrendo o desgaste do tempo perdeu sua personalidade:

O menino que era esquerdo viu no meio do quintal um pente. O pente estava próximo de não ser mais um pente. Estaria mais perto de ser uma folha dentada. Dentada um tanto que já se havia incluído no chão que nem uma pedra um caramujo um sapo. Era alguma coisa nova o pente. O chão teria comido logo um pouco de seus dentes. Camadas de areia e formigas roeram seu organismo. Se é que um pente tem organismo.

O fato é que o pente estava sem costela. Não se poderia mais dizer se aquela coisa fora um pente ou um leque. As cores a chifre de que fora feito o pente deram lugar a um esverdeado musgo. Acho que os bichos do lugar mijavam muito naquele desobjeto. O fato é que o pente perdera sua personalidade. Estava encostado às raízes de uma árvore e não servia mais nem pra pentear macaco. O menino que era esquerdo e tinha cacoete pra poeta, justamente ele enxergara o pente naquele estado terminal. E o menino deu pra imaginar que o pente, naquele estado, já estaria incorporado à natureza como um rio, um osso, um lagarto. Eu acho que as árvores colaboravam na solidão daquele pente (BARROS, p.17).

A ideia do “desobjeto” foi vivida nesta tese por vários momentos. Em uma visita ao sítio de meu avô paterno, onde meus pais e irmãos viveram por muito tempo, encontramos vários objetos em processo de esquecimento: o chapéu que meu avô usava para se proteger do sol durante a lavoura, ou uma bota, esquecida perto da plantação de couve.



Figura 21: Chapéu de meu avô paterno, Antônio. Foto: Gerson Junior.



Figura 22: Bota encontrada perto da plantação. Foto: Gerson Júnior.

Pensar na ideia de memória e, também, na ideia do esquecimento imprime, nesta tese um sentido para além de seu objetivo pontual: permitir que estes objetos possam perenizar a existência dos lavradores do bairro Sabiá-Una – pouco vistos – por um tempo além de sua vida na terra. Permitir, também que suas histórias, tão pessoais e simples possam gerar outras discussões, relacionadas à opressão, a visibilidade e as imagens de um Brasil profundo.



Figura 23: Por do sol no cemitério de Morro do Alto, onde meu tio foi enterrado. Foto: Gerson Júnior.

Enquanto escrevia esta tese, em meio à pandemia, perdi um dos meus tios, que trabalhava com feirante, vendendo na cidade os legumes e hortaliças que plantava. Meu tio venceu o COVID-19, mas acabou sendo levado por um acidente de carro, na estrada que percorrida todos os finais de semana, no trajeto de volta da feira: uma estrada de terra, com muitos buracos. Na visita ao sítio, quando passamos no local do acidente meu pai disse “aqui foi o fim do Zir”.



A flor do professor

Quando a flor do professor se abre, nos quintais, todos se encontram para contemplar. Nesta ala do jardim, encontram-se as memórias relacionadas à presença da educação nos cotidianos dos sujeitos desta pesquisa, presença da Educação Libertadora (Freire, 2013).

Este canto do jardim é todo constituído dos relatos de memórias captadas ao longo desta pesquisa. Cada um dos relatos apresenta momentos em que a descoberta de soluções de problemas, sejam eles corriqueiros do dia-a-dia – como escrever uma lista de compras - aos mais complexos para a gerações da terceira idade, como navegar na internet via celular, encontram-se recheadas de situações de aprendizagens, que remetem aos bancos das escolas nas quais estes sujeitos tiveram contato com as primeiras letras, ainda que por pouco tempo.

Na porta do Jardim: A flor do professor

Quando trabalhava na Universidade, no atendimento aos professores e estudantes, ainda estagiária, era sempre visitada por boas surpresas. Certo dia, um dos professores que eu costumava atender, sabendo de minha afeição pelas plantas, presenteou-me com uma muda de Dama da Noite. Ele me disse que era uma espécie muito rara, que só florescia uma noite por ano!

Fiquei feliz e curiosa, mas, ao mesmo tempo preocupada: à época eu morava em uma pequena kitnet no centro da cidade, com pouco espaço e nenhum verde. Pensei, então, em doar a muda para meus pais, que cultivavam um jardim no quintal.

Assim, no primeiro final de semana viajei para Tatuí e carreguei – em meu colo, no ônibus intermunicipal - a muda de flor.

Meu pai ficou especialmente feliz: agora aposentado, cuidar das plantas era uma das poucas tarefas que lhe causava conforto e prazer. Segundo ele, fazia lembrar-se dos tempos de sítio, ainda a área verde que fosse um pequeno quadradinho de terra limitado no fundo da casa.

Entreguei-lhe a planta e expliquei que fora um presente recebido de um professor muito querido. Contei a ele que se tratava de uma planta diferente, que não floria sempre.

Ele plantou a muda e eu acabei esquecendo do fato.

Algum tempo depois, acabo de chegar do trabalho e o telefone toca. Do outro lado da linha, uma voz ofegante, de que acabara de subir a escada correndo para contar a novidade: “a flor do professor abriu”. Ele descreveu com riqueza de detalhes – era branca, grande, com folhas vistosas! “Abriram várias, fia”. Queria tirar um retrato para lhe mostrar, mas meu celular não tem câmera.

Eu que não tinha visto as flores abertas imaginei-as exatamente como eram. E fiquei

muito feliz com o fato. Pensei, então, que talvez, que a “abertura” das flores, em breve, se tornaria um dos eventos mais esperados do ano.

E assim foi.

Uma vez por ano a flor abre. Meu pai, agora usando bengala, desce a pequena escada em direção do quintal, portando o farolete e seu celular. Então, ele fotografa e manda uma mensagem no grupo da família:

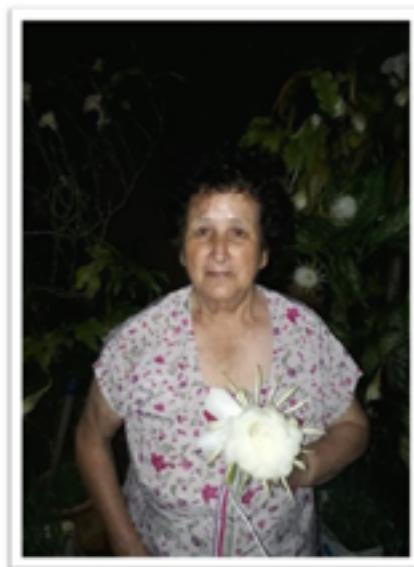
Hoje abriu a flor do professor.



17

Nirce e Sr. José

Figuras 24 e 25: D.Nirce e Sr.José posam para foto com uma nova florada 2020 da “flor do professor”. Fotos: Lucas Augusto Alves de Oliveira.



Objeto gerador desta memória:

O item “inventário dos objetos geradores” apresenta descrição de todos os objetos apresentados ao longo da tese, que tornam-se as imagens do jogo de memórias produzido a partir deste trabalho.

Flor do professor



Figura 26: A flor do professor. Desenho de Ana Clara Araújo de Oliveira

Tira um retrato pra mim.

Desde que ganhou um celular com câmera, meu pai adquiriu o hábito de registrar vários momentos do seu dia e de sua vida. São fotos diversas.

Algumas *selfies* em frente ao altar de Nsa. de Fátima, montado no quarto.

Uma nova florada de plantas que brota no quintal.

Alguma visita ilustre que ele recebe em casa – quase sempre os próprios filhos.

Um boleto que precisa ser pago.

Um bolinho que acabou de enrolar.

E algumas fotos, também, são tiradas por engano, dada a inabilidade de operar a tela sensível ao toque: o chão, a caixa de leite, uma roupa no varal...

Muitas imagens que lotam a memória do aparelho.

Mas... quando ele quer tirar alguma foto especial sempre pede para algum filho ou neto “tira um retrato para mim?” Nestas fotos ele faz pose: tronco ereto, cabeça olhando à frente, sorriso discreto, cabelo alinhado.

Nestes momentos, quando fotografamos o pai, ele sempre diz “ficou muito boa, vamos mandar revelar”. E complementa: eu não sei bem tirar fotos... Qual-quer dia você me ensina.

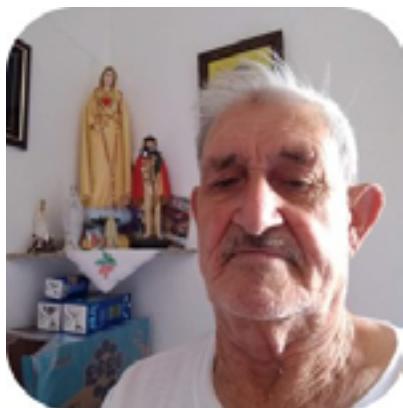


Figura 27: nova florada no quintal. Foto: José Augusto de Oliveira

Figura 28: coxinhas caseiras sobre a mesa. Foto: José Augusto de Oliveira

Figura 29: retrato de aniversário. Foto: Lucas Augusto Alves de Oliveira

Figura 30: selfie com Nsa. de Fátima e Bom Jesus de Pirapora.

Foto: José Augusto de Oliveira

A lista de compras

O dia “da compra” sempre foi muito especial em minha família. Meu pai costumava ir e levar uma lista, na qual deixava um espaço à direita para anotar o preço de cada produto comprado, já que havia um dinheiro muito restrito para comprar os alimentos, para uma família de 8 pessoas.

Na lista de compras, meu pai exercita a escrita: escreve, palavra a palavra, atendendo a um critério de organização - de acordo com a ordem em que os produtos são organizados no supermercado: por exemplo, a prateleira de leite fica logo na entrada e, portanto, leite era um dos primeiros itens da lista. As últimas coisas a serem anotadas eram os produtos de geladeira, já que poderiam derreter ou estragar durante a compra. A partir do critério da divisão das prateleiras/localização no espaço, ele também organiza as palavras em ordem alfabética. Na lista de compras, meu pai também coloca a matemática em prática: anotando e somando o preço de cada produto da lista a fim de conferir com o valor pago no caixa “fia, se a gente não fica atento, as pessoas enganam”.

No tempo da pandemia, meus pais ficaram sozinhos em a casa e eu, sendo a única em trabalho *Home Office*, recebi a incumbência de visitá-los mensalmente para pagar as contas e fazer as compras do mês.

Sentei-me a seu lado na mesa e ele ia anotando as palavras na lista. Vez ou outra pedia para que eu fosse até o armário conferir quantos itens ainda haviam sobrado da compra anterior. Detergente...Desinfetante... Susurrava baixinho, com vergonha “desinfetante é com S ou com Z?”... “acho que é com Z, concluía sozinho”... “Massa de tomate”... “Massa é com Ç ou S?”... Ouvindo os sussurros, comentei... “pode escrever de qualquer jeito, pai, o importante é que eu entenda!”.

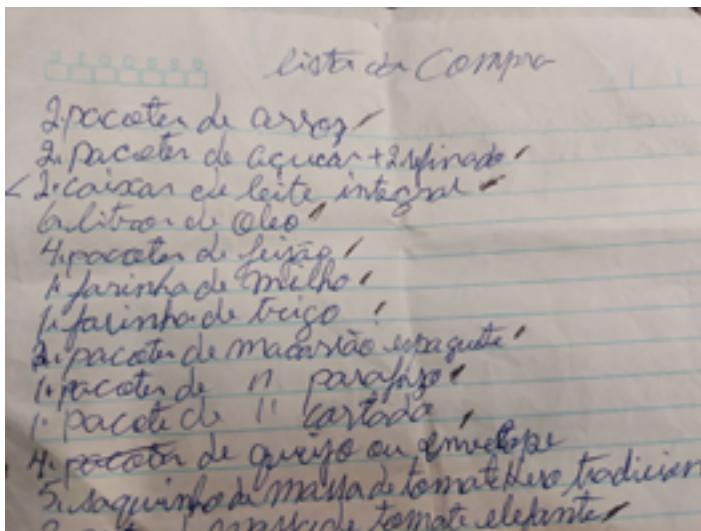


Figura 31: lista de compras. Foto: a autora.

Mas ele, diante da filha “das letras” não queria errar, demonstrando, até, certo constrangimento por não saber a grafia de todas as palavras. Mesmo com as mãos trêmulas, desenhou perfeitamente cada traço da caligrafia e perguntou-me: “Minha letra é feia. Você consegue entender?”. Disse que a letra dele era melhor que a minha.

Fui ao mercado, comprei todos os produtos e marquei o preço à frente de cada um. Mas não consegui somar no papel. Trapaceei e usei a calculadora do celular.

Objeto gerador desta memória:

O item “inventário dos objetos geradores” apresenta descrição de todos os objetos apresentados ao longo da tese, que tornam-se as imagens do jogo de memórias produzido a partir deste trabalho.

Carrinho de compras

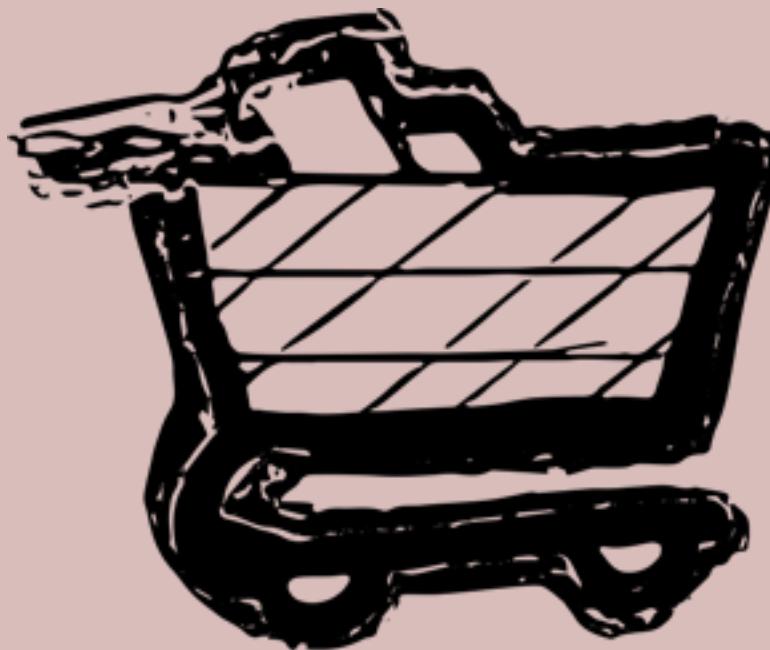


Figura 32: Carrinho de compras. Desenho de Ana Clara Araújo de Oliveira

O farolete e a raposa

É noite fria e todos da casa preparam-se para dormir. Na cozinha próxima ao quintal, no entanto, um ruído de panelas incomoda. É que a janta havia ficado sobre a mesa e, vez ou outra, algum animal, atraído pelo cheiro irresistível da comida, resolvia invadir e “surrupiar” um pedaço de carne.

No corredor que leva à cozinha de fora da casa não há luz. Nestas horas, meu pai sempre carrega um farolete antigo para ajudá-lo a enxergar os degraus da escada. E ele desce, mais rápido possível – dentro do limite que sua perna cansada permite.

Logo ouve-se um grito: “É a raposa. Ela ouviu o barulho e se assustou. Quando cheguei, ainda segurava um pedaço de bife com as duas mãos. Mas eu espantei”. “E tampou a panela?”, emenda minha mãe preocupada com as sobras de comida. “Deu para tampar, mas ela levou o maior bife. Raposa danada”. Outro dia, minha mãe arruma as sobras de comida e deixa as panelas em cima da mesa, com a tampa entreaberta.

Dia seguinte, a cena se repete. Panela sobre a mesa, tampa entreaberta. Acho o fato curioso e questiono “mãe, a raposa não vem pegar o bife”. “sim, por isso deixei a panela pouco aberta para ela. Coitada deve ter fome à noite. E, Zé, se for descer para a cozinha não leve o farolete para não assustar o bicho”. Foi assim que, repentinamente, a raposa passou de vilã a protagonista. E o farolete, de heroico a inconveniente.



Figura 33: A raposa (gambá) protagonista. Foto: José Augusto de Oliveira.

Objeto gerador desta memória:

O item “inventário dos objetos geradores” apresenta descrição de todos os objetos apresentados ao longo da tese, que tornam-se as imagens do jogo de memórias produzido a partir deste trabalho.

O farolete e a raposa



Figuras 34 e 35: O farolete e a raposa. Desenho de Ana Clara Araújo de Oliveira

O chapéu, o facão e a íngua

Eu devia ter uns 7 anos quando fui, repentinamente, acometida por uma dor de ouvido terrível. Foram várias idas ao médico, compressas quentes e noites em claro. Em uma destas noites, minha mãe observou uma protuberância abaixo de minha orelha direita. “Uma íngua”, ela disse, com tom de voz preocupado. Noutro dia, cedinho, arrumou nossas coisas, chamou uma carona e fomos para o sítio de meu avô. “Precisa benzer”. Meu vô era conhecido por ter herdado de seu pai “o dom do benzimento”. Para o ato, ele usava um facão velho e uma espécie de bandeja cheia de cinzas. Dizia-se que “Nhô Antônio” já havia curado várias crianças. Mas ele era muito discreto. Pouco falava dos benzimentos e escondia debaixo da cama os materiais que utilizava. Nesta manhã chegamos ao sítio e ele estava tirando leite. Era “dia de semana” e como não costumávamos ir para lá nestes dias, meu vô sabia que precisaríamos dele. Pediu que esperássemos na cozinha, que ele já chegava. Na cozinha minha vó preparava café para as visitas. Abriu o armário e puxou, lá do fundo, um saco de bolachas doces, que colocou em um pote em cima da mesa. “Coma fia”. Essa era especial para as crianças. Logo, Nhô Antônio chegou com um latão de leite quentinho. Limpou os sapatos, tirou o chapéu. “Peça bença”, disse minha mãe. Enquanto tomava café com leite observava o chapéu de palha pendurado no prego atrás da porta. Este chapéu sempre estava com meu vô, nos ambientes externos. Mas, ao entrar na casa, ou cumprimentar as pessoas, ele sempre tirava o chapéu e abaixava-se em sinal de respeito. Deixava à mostra o cabelo branquinho e ralo, mas tão lisinho que até caía em seu rosto ao abaixar a cabeça, por isso, na sequência ele sempre arrumava o cabelo com os dedos. “Nhô Antônio, a menina está com uma íngua no ouvido, não tem dormido à noite”, disse minha mãe preocupada, enquanto meu avô degustava uma das bolachinhas doces das crianças. “Vamos benzer a menina”. Terminado para o café fomos ao terreiro e o vô foi para o quarto. Saiu de lá com a bandeja grande cheinha de cinzas e o facão, ainda dentro da bainha.

Eu tinha um pouco de medo, lembrava-me de outras vezes que tivera que passar pelos benzimentos. O ruído da bainha de couro deslizando no corpo do facão era assustador. Neste dia, antes de começar o ritual, ele veio examinar o meu ouvido. “É íngua mesmo e das grandes”. Tirou facão da bainha e começou a desenhar uma cruz com ele, na bandeja de cinzas. Enquanto fazia o desenho, recitava algo que eu não conseguia entender, mas me esforçava bastante para fazê-lo. Ele falava rápido e baixinho, mas eu achava muito bonito. Em certo ponto das orações, ao final de cada verso, repetia “íngua” e eu só conseguia entender esta palavra... Foram uns 15 minutos, ou menos, mas eu achava que os benzimentos sempre demoravam. Quando terminou, ele pegou um pouquinho da cinza e espalhou abaixo do meu ouvido. “Precisa cuidar do mal olhado, essa menina tá com quebranto”. No meu olhar era, ao mesmo tempo, místico e assustador. Com 7 anos, não entendia muito bem e sempre que precisava benzer, achava que estava muito doente. Não sabia o que era “quebranto”, mas sabia que minha mãe amarrava no meu braço, todo ano, uma fitinha vermelha de Nsa. Aparecida para acabar com o tal. Não me lembro do resto daquele dia. Mas lembro que dois dias depois, a íngua havia sumido.

O chapéu.

Meu vô tinha dois chapéus, ambos de palha. O mais novo usava para ir à cidade fazer compras e o mais velho o acompanhava na roça, enquanto cuidava da plantação e dos animais. O chapéu mais antigo era o “companheiro das aventuras”, objeto indispensável para proteger do sol forte na roça. Todos os homens da casa tinham chapéu, mas meus tios, mais novos, já usavam bonés. Os bonés, apesar de mais modernos, tinham a mesma função: proteger do sol. Eles também eram tirados para cumprimentar as pessoas e entrar na casa, em sinal de respeito. Quantas histórias um chapéu pode contar?

O facão.

Na casa do meu vô havia vários facões. O maior deles era guardado embaixo da cama – para espantar os ladrões – embora nunca tivesse sido usado para este fim. Outro ia para a roça, caso encontrasse alguma cobra ou animal perigoso pelo caminho. O facão desta história é o que fora herdado de gerações anteriores e sempre fora usado para os benzimentos. Era um facão pesado e bonito. Quantas histórias um facão pode contar?

Objeto gerador desta memória:

O item “inventário dos objetos geradores” apresenta descrição de todos os objetos apresentados ao longo da tese, que tornam-se as imagens do jogo de memórias produzido a partir deste trabalho.

O chapéu e o facão



Figuras 36 e 37: o chapéu e o facão. Desenho de Ana Clara Araújo de Oliveira

Reencontro da professora

Meu sobrinho Lucas ordenou-se padre em 2021. Cresceu na casa dos meus pais e alimentou este sonho desde muito pequeno, quando se juntava com seus amiguinhos de escola para brincar de missa, comendo pão e tomando suco de uva. Meus pais, muito religiosos, sempre o acompanharam e incentivaram, vibrando muito quando se ordenou.

Para o primeiro ano de trabalho pastoral, Lucas foi designado à paróquia de Guareí, cidade rural com pouco mais de 17 mil habitantes. Para receber o novo sacerdote, a comunidade preparou-se com grande pompa: houve uma missa especial, da qual participaram diversas figuras importantes da cidade: prefeito, vereadores, a professora mais antiga... Meus pais foram acompanhar a cerimônia e ficaram para a roda de conversas que aconteceu depois dela.

Entre um “parabéns” e outro, minha mãe, que cresceu em um pequeno sítio na cidade de Guareí encontrou alguém muito importante em suas memórias: dona Selma, sua primeira e única professora. Ela disse demorou a reconhecer e até duvidou: “será mesmo a professora? está mais conservada que eu!”.... Mesmo hesitando, chegou para conversar com ela:

- Acho que a senhora foi minha professora...

- Ah, acho que fui mesmo. Tive muitos alunos aqui e fui uma das únicas professoras que ficou trabalhando naquela escola por bastante tempo: é que a escola, muito distante da cidade, não era muito atraente para os meus colegas, que tinham que viajar muito tempo para chegar. Eu morava na escola, a senhora se lembra?

- Ah, lembro sim. A escola tinha uma sala, um quarto e uma cozinha. Lembro que no final da aula a senhora pedia para as crianças irem buscar água e lenha e, alguns dias preparava o almoço por lá.

- Era isso mesmo... Mas que emoção.... Venha aqui, Padre Lucas, a sua vó foi minha aluna: assim estou me sentindo muito velha!

Depois de alguns dias, fui visitar a minha mãe, que contou sobre o encontro com a professora, mas, para mim, adicionou alguns detalhes:

Ah, ela era muito brava. Batia na gente com a régua de madeira, fazia ajoelhar no milho quando não decorava a tabuada. Por causa disso, eu nunca esqueci a tabuada do nove.

Eu gostava da escola, mas não concordava muito com a parte de ir buscar lenha para o almoço... Estudei ali até o terceiro ano, depois parei. Tinha muito trabalho para fazer em casa.

A prova de vida

Anualmente, meus pais, aposentados, precisam comparecer à agência bancária para cumprir a exigência da “prova de vida” para o INSS.

Em uma das ocasiões, quando acompanhava a minha mãe, ficamos muito tempo sentadas esperando a nossa vez. Neste tempo, ficamos observando os outros e ouvindo as histórias. Uma das senhoras, bem idosa, não sabia assinar e eu reparei que ela ficou bastante constrangida quando a funcionária do banco solicitou que ela “carimbasse” sua digital no documento.

Quando, enfim, chegou a vez de minha mãe, a moça perguntou a ela “a senhora assina?” ela respondeu, baixinho e hesitando que sim, ao que a funcionária comemorou, como se falasse com uma criança: “mas que belezinha”.

Então, minha mãe sentou-se bem próxima à mesa, segurou com força a caneta e desenhou: “Nirce Xavier de Oliveira”. Antes de entregar à funcionária do banco, entregou a mim para que conferisse, como faz um estudante em processo de alfabetização. “É que minha filha é professora, sabe assinar bem”, disse à moça do banco.

Mal sabe Dona Nirce que sua caligrafia é bem melhor que a minha.

A wooden bench with a slatted back and seat, situated on a tiled patio. A potted plant with red flowers is in the foreground. A text box is overlaid on the bench.

No banco do jardim

No banco do Jardim

No espaço de descanso, os autores e autoras sentam-se ao nosso lado para inspirar o que se registra nesta tese

Na porta do Jardim: Pausa para o café

Pouco antes de seis da manhã, na roça o sol já estrala no céu. Os primeiros sons e aromas do dia indicam que chega a hora do despertar. A “garapa” da água borbulha no fogão à lenha. Água já adoçada – “muitas colheres de açúcar, pois amargura já é nossa vida, fia”.

No velho coador em suporte metálico, duas colheres de pó de café – torra fresquinha – esperam a “passagem”. Enquanto mexia a garapa, meu avô, senhor Antônio, contava causos que vivera. Os netos, sentados à beira da mesa com suas canecas de louça aguardavam o café fresquinho para misturar com o leite que era retirado diretamente da teta da vaca.

“Certo dia fui pescar na beira do rio Tatuí, lá no matagal. Era um dia de muito sol e eu tinha certeza que ia encontrar coisa boa, peixe do grande. Mas chegou uma chuva forte, para refrescar o dia quente. Me sentei perto do rio observando os movimentos das árvores e a água, limpinha, se agitar. Foi quando eu vi. Eu vi a mãe d’agua!

Olhei para o céu e uma luz diferente apontou para o fundo do rio. No meu coração sentia que estava querendo me mostrar que ali havia um grande tesouro escondido. A luz ‘briava’ muito. Era dourada e colorida. Ali tinha muito ouro, fia.

Como a chuva ficou forte de repente e eu estava com a botina velha, não conseguir para perto do rio naquele dia, por



Figura 38: o bule do café, hoje está pendurado na área de serviço. Foto: a autora.

medo de escorregar. Mas sei que ali tem muito ouro e quero voltar outro dia, com sorte e encontrar a mãe d'água para me indicar o tesouro”.

...

Pouco antes de seis da manhã. Na cidade, o sol da já estrala no céu. O primeiro som do dia é o “tec tec” da bengala do meu pai, Sr. José, que caminha rapidamente pelo corredor da casa. Precisa acordar cedo para passar o café. Não há ninguém esperando, com a caneca de louça, mas a garapa, doce, borbulha no fogão a gás – “muitas colheres de açúcar, pois amarga já é a nossa vida, fia”.

No coador de pano, suporte metálico, o pó de café de caixinha espera a passagem. Enquanto mexe a garapa, meu pai lembra dos causos que ouvira.

“Um dia o pai foi pescar na beira do rio, lá no matagal. Tinha muito sol, quando saiu, mas perto do rio começou a chover. Em casa na chegada do peixe ‘nois’ esperava o peixe para o almoço, mas não teve peixe naquele dia. Seu vô conta que vou uma luz, que brilhava muito, dourada, colorida. Lá tinha muito ouro, fia! Eu acredito que ele viu a mãe d'água. E se não fosse a chuva e o escorregadio na beira do rio, a gente estaria hoje muito rico.”

Ficou pronto. Vamos tomar café. Minha caneca está cheinha de leite, sempre esperando.

Objeto gerador desta memória:

O item “inventário dos objetos geradores” apresenta descrição de todos os objetos apresentados ao longo da tese, que tornam-se as imagens do jogo de memórias produzido a partir deste trabalho.

Bule



Figura 39: bule de café. Desenho de Ana Clara Araújo de Oliveira

Nas noites de lua cheia, sentávamo-nos todos na área externa do sítio, o conhecido “terreiro”. As mosquinhas se aninhavam nas lâmpadas e, atrás delas, muitos sapinhos vinham, avidamente, buscar refeição. Algumas das crianças corriam atrás dos sapos e outras, como eu, se escondiam deles, amedrontadas.

Todos os adultos pareciam muito à vontade nas conversas sem pretensão. Os menos acostumados, e mais ocupados, que vissem, de fora, poderiam dizer: ora, conversa fiada. Outros, com olhar curioso, talvez, desejassem sentar-se e ouvir a conversa para compreender os modos de vida daqueles interlocutores, ler e “inferir” o que estaria nas entrelinhas destas conversas. Como pesquisadora, neste espaço intitulado “banco de jardim”, coloco-me sentada juntamente dos adultos que conversam no terreiro às noites de lua cheia.

Na minha condição de caipira-pesquisadora, no entanto, há uma confusão entre os papéis de “observador e observado”. Ora, ao compreender e trazer à tona a condição dos sujeitos de minha pesquisa, coloco-me também eu no foco da análise. A diferença, entre mim e eles, seria a possibilidade que tenho, no meu contexto de doutoranda - neste tempo, espaço e com essa abordagem metodológica - de desenvolver um diálogo com os autores que me inspiram: minha compreensão do outro é atrelada ao meu repertório de leitura e olhar sobre o mundo.

Também como eu, Fernando Frochetengarten (2005), em seu Memórias de Guerra se propôs a uma experiência de coleta de memórias de pessoas próximas a ele: avós e amigos judeus poloneses que foram atravessados pela guerra. Naquele contexto, ele, enquanto psicólogo social, tinha a pretensão de contribuir para uma discussão sobre o fenômeno psicossocial do desenraizamento e sua dimensão psicológica. Segundo ele, sua convivência com os sobreviventes de guerra, na condição de ouvinte de suas lembranças exigiu “recorrente elaboração (...) um desdobramento disciplinado de seu relacionamento com

seus avós e alguns de seus amigos” (p.XV).

Do livro do Fernando, um dos trechos mais caros a mim, em minha posição de leitora, é o relato da Cesia, ainda na introdução: ao observar um quadro que retratava o espaço de convivência entre os seus antes da guerra, ela desenvolve uma descrição muito rica, repleta de adjetivos e finaliza com a frase “esse quadro é igual a como era” (p. XIII). A observação daquele objeto, permitiu à personagem trazer à tona detalhes íntimos e pessoais da memória, na riqueza de uma observação só dela.

A leitura do livro do Fernando, uma das primeiras que desenvolvi no contexto do doutorado, provocou-me profunda reflexão sobre diversas questões: a metodologia da conversa para coleta das memórias, a posição do pesquisador diante dos ouvidos e, também a “relevância” das memórias em um contexto de partilha entre colegas pesquisadores.

Também eu, ao coletar as memórias dos sujeitos de minha pesquisa, questioneei-me sobre e importância de se grafar, em uma tese, esses relatos tão pessoais e íntimos. No entanto, ao mesmo tempo, desenvolvi a compreensão de que, ao permitir que estas memórias pessoais sirvam ao propósito de uma pesquisa acadêmica, também corroboro para que elas ganhem outra dimensão, passando a representar grupos de pessoas afetadas por elas, podendo servir à atenção de diferentes objetivos de pesquisa, de diferentes formas.

Assim, os cientistas que, como eu, desejam desenvolver olhares e leituras sobre as humanidades lançam mão de métodos diferentes para atender a objetivos também diferentes. O percurso do tornar-se pesquisadora, caipira ou não, exige que, nesta condição de aprendiz, possamos desenvolver análises, leituras e proposições sobre o que se apresenta diante de nós.

Durante todo o processo de escrita desta tese, ao longo dos seminários e orientações, sempre me preocupei muito com o respaldo teórico. Ao mesmo tempo em que me preocupava, não gostaria que meu texto se apresentasse, em questões de linguagem, de maneira que, no meu entendimento daquele momento, me distanciaria de um dos meus objetivos: aproximar-me dos sujeitos, lavradores, inclusive por intermédio da linguagem.

O Prof. Marcos, compreendendo minha preocupação sempre destacava: não se trata de citar os autores, mas de permitir que eles apareçam, naturalmente. Não entendia muito bem como isso aconteceria.

A bem da verdade, o que acreditava era que muitos de nós, professores universitários, pesquisadores, estudantes, fazemos uma leitura de mera observação e apreciação, chamada por bell hooks (1952) de “ponto de vista voyeurístico” no estudo de diversos conceitos, temas, posições que exigiriam um engajamento para além do teórico. Neste ponto, amparo-me também, no entendimento de Marcos Reigota, que ao relatar o processo de escrita de *Ecologistas*, seu livro de 1999, destaca:

Não se trata de um texto escrito com o objetivo de preencher alguma exigência profissional e/ou acadêmica, mas sim, uma tentativa de procurar entender e organizar conhecimentos, ideias, “feelings”, que possam se traduzir em expressão política, tendo como referência situações concretas vividas por mim e/ou por pessoas que me são muito caras (p.17).

Tendo a oportunidade de percorrer o trajeto de formação de doutorado orientada pelo Prof. Marcos Reigota e em companhia dos meus colegas do grupo *Perspectiva Ecologista*, pude presenciar, em vários momentos a tradução estética, política e pedagógica dos entremeios de nosso “tornar-se” pesquisador, ouvia e participava dos seminários dos meus colegas de grupo e sempre me en-

cantava com os autores surgindo nas dobras do texto de maneira natural. Mas, em primeiro momento não conseguia conceber uma aplicação deste “aparecimento” em meu próprio texto. Até que um fato do cotidiano me afetou:

Ano de 2021, em plena pandemia. Tutoria de Português Instrumental no curso Técnico em Agronegócio, Polo de Lajes – RN. Paulo Freire apareceu.

Recebi um e-mail informando que fora selecionada para atuar como tutora em uma disciplina de Língua Portuguesa em um curso Técnico em Agronegócio, que ocorre em vários estados do país. Não me lembrava de ter me candidatado para a vaga, mas segui com a proposta de trabalho por achar interessante o fato de ter contato com estudantes que atuam em Agronegócios em Brasília, Mato Grosso do Sul, Pará, Rio Grande do Norte, Rondônia e Roraima. Por algum motivo achei que encontraria tesouros para minha tese.

Nas primeiras semanas de trabalho, percebi que boa parte dos matriculados eram os “donos dos agronegócios” responsáveis pela gestão de pequenos produtores. Em alguns momentos do curso aconteceram encontros síncronos, por meio chat escrito – sem câmera e áudio, devido a qualidade e velocidade da internet em vários polos. Nos polos de grandes centros urbanos, como Brasília, a participação no Chat foi expressiva e muito profunda, em termos teóricos. Nas cidades menores, sobretudo nos polos do Norte e Nordeste, poucos estudantes participaram e apresentaram muitas dificuldades.

O objetivo do chat era conversar sobre os conteúdos estudados. Foi o que fizemos, mas, ao fim do tempo, o diálogo se desdobra e Paulo Freire, que não mencionei diretamente, acaba por aparecer.

Diálogo com Sr. Cunha:

Sr. Cunha: Daniele, se é difícil a língua portuguesa, imagina para um agricultor nordestino sofrido, que mora lá na zona rural, entender tudo isso que a senhora falou. Mais que não é impossível. É ainda envolver comunicação. Mais que é possível entender e compreender quando agente(sic) quer. Então companheira Daniele a gente precisa muito destas informações importantes que a senhora nos passou, para mostrar que precisamos erguer a cabeça e lutar pelos nossos objetivos.

Daniele: Sr. Cunha, como para o agricultor é muito difícil entender estas coisas “da academia”, para mim é quase impossível entender metade do que ele sabe fazer. São saberes diferentes. Por isso, eu amo estudar a comunicação, porque ela nos permite compartilhar estes saberes.

Sr. Silva (que participava do diálogo): Como diz Paulo Freire, não existe saberes maiores, existe saberes diferentes (sic).

Sr. Cunha: Paulo Freire também disse: NUNCA FUI TOCADO, COMO EM ANGICOS, 40 HORAS DE ALFABETIZAÇÃO EM ANGICOS/RN.

Era isso! Na conversa com o Sr. Cunha, que tinha um objetivo muito claro e pontual, Paulo Freire despontou e “saltou” das entrelinhas de minha fala. O estudante, morador da cidade próxima a Angicos, pode compreender o que eu dizia. Não foi necessário gritar, não foi necessário citar. Não foi necessário preparar uma tela com foto e frase de Paulo Freire. E, ainda assim, ele apareceu.

Assim, ao longo de minha tese, os textos que li – não somente no doutorado, mas em toda minha história de formação – acabam aparecendo em minhas palavras, e até mesmo, no que eu comunico sem dizer.

Na sequência deste canto do jardim convido os autores com os quais dialoguei para conversar comigo e com os sujeitos de minha pesquisa no banco de um jardim, local de descanso e de reflexão no contexto deste passeio.

Meu exercício de linguagem caminha no sentido de se apresentar como “tradução” da essência de conceitos complexos, que estão amarrados nos cotidianos, mas que, mesmo assim, são pouco acessíveis para compreensão de pessoas com acesso a espaços culturais diferentes.

Pausa 1: Antônio Cândido - Parceiros do Rio Bonito.

São sete da noite de um dia em fim de semestre. Os estudantes, dispensados do controle de frequência preferiram ficar em casa, ou reunir-se nos bares que cercam o campus. Eu, docente, comprometida com o registro de ponto, opto por permanecer na sala de aula vazia. Levo comigo um exemplar de *Parceiros do Rio Bonito*, um dos primeiros livros que li quando iniciei minha pesquisa na linha de Cotidiano Escolar. Naquela noite, aproveito para fazer algumas anotações em meu caderno.

A medida em que a leitura avança, naturalmente, as informações apresentadas pelo autor começam a dialogar com outras leituras que havia desenvolvido ao longo de minha formação.

Antônio Cândido, em seu *Parceiros do Rio Bonito* (2017): compreendendo como relevante o estudo da “cultura e da sociabilidade do caipira em face da civilização urbana” (p.13) percorreu um caminho de estudos documentais e de observação para concluir a sua pesquisa, que acabara se tornando leitura essencial para compreensão caipira paulista e dos seus meios de vida.

A pesquisa de Antônio Cândido contempla o que ele desejava, quando se propôs: compreender o universo do caipira de maneira ampla, contemplando os meios de vida, a economia, alimentação, relações familiares e de trabalho. Esta compreensão permite a ele desenvolver uma análise da mudança cultural e problemas que afligiriam o caipira no contexto temporal da pesquisa, concluída em 1954.

Para desenvolver suas análises, Antônio Cândido lança mão de um método, descrito por ele:

1. *Buscar, nos documentos, e viajantes do século XIX, referências e indícios sobre o homem da roça;*
2. *Interrogar longamente, pelos anos afora, velhos caipiras de lugares isolados, a fim de alcançar por meio deles como era o “tempo dos antigos”. (Cândido, 2017, p. 22)*

O rigor metodológico e a naturalidade da escrita do autor nos permitem, enquanto leitores, contemplar, perfeitamente, o que ele se propunha. Compreendia, agora, e reconhecia como e por que *Parceiros do Rio Bonito* se tornara leitura essencial no meu campo de interesse: o universo caipira.

Dialogar com os autores nos permite que possamos produzir apropriações, concessões e, até mesmo, olhares possibilitam ampliar o que o interlocutor observara em seu momento de pesquisa: começo a pensar que, embora essencial, a leitura do caipira de Antônio Cândido, ainda apresenta alguns pontos que

não podem ser deixados de lado em um olhar interpretativo, uma vez que se trata da produção de uma imagem ainda caricata do homem do campo que se coloca em contexto de oposição ao “homem da cidade”.

Esta minha observação diante no livro do Antônio Cândido, de alguma forma, se deve à influência teórica e intelectual que tem me acompanhado diante dos anos de estudo do doutorado: a leitura dos autores anticoloniais e a própria aproximação da pedagogia de Paulo Freire, que ao mesmo tempo em que é referenciado em grandes universidades fora do país, é negado no Brasil, principalmente pelos afeitos à necropolítica.

Ouçõ alguns passos pelo corredor, e, olho assustada para a porta da sala. Uma estudante chega, com olhar aflito de fim de semestre, era Janaína: ela quer consultar suas faltas na disciplina e é nítido o alívio em seu olhar quando percebe que, por duas faltas, pode ter aprovação nas aulas. Era uma estudante que faltava muitas vezes, mas eu percebia, também, que chegava muito cansada para as aulas – vinha de uniforme, pois trabalhava na linha de produção de uma fábrica e eu percebia sempre que ela dormia sobre a carteira, nas aulas que eram mais teóricas e pesadas.

Ao aliviar-se de sua preocupação, Janaína observa o livro sobre minha mesa: acha interessante a composição da capa – um homem, de chapéu segurando uma peneira. Ela pergunta “É o Mazaroppi?”...E lembra-se que assistia a muitos filmes dele com seu avô, morador de Piracicaba cidade do interior de São Paulo. Conversamos sobre nossas infâncias no interior por um bom tempo. Aproveito para falar um pouco do livro: a verbalização do que acabara de ler me permite assim, uma apropriação do próprio pensamento que surgia, entre divagações e espantos.

Janaína ouve com atenção e diz que se interessou muito pelo tema. Perto das 22h00, ela se despede: sua van sairia em 15 minutos. Ela aproveita para agradecer pelo semestre e por ouvi-la naquele momento. Disse que tinha ido à faculdade apenas para devolver um livro e ver suas faltas: achava que seria um tédio, mas, por fim, a noite passou muito rápido.

Pausa 2: bell hooks – Ensinando a Transgredir, edição de 2021 e Josefina Tranquilim.

Minha amiga, Profa Josefina, ou Fina, como era conhecida, me acompanhava nas conversas do intervalo. Fina saía para fumar na meia-lua do campus e eu acompanhava e aproveitava para “refrescar a cabeça” durante o intervalo.

Numa destas pausas, contei à Fina que estava desenvolvendo uma pesquisa sobre os trabalhadores da lavoura e que estava relendo Paulo Freire com bastante atenção. Ela, então, me pergunta se eu conhecia a bell hooks e, diante de minha negação, explica que também ela conhecera a pouco tempo: uma colega dela havia lhe dito que bell era “a cara da Fina” – uma mulher, negra, educadora, estrangeira, que assume seu diálogo combativo com Paulo Freire, compreendendo a educação como projeto ético, político e como processo de superação das desigualdades. Fina me indica Ensinando a Transgredir e conta que o livro transformou seu olhar sobre muitas questões de seu cotidiano como educadora.

Na manhã seguinte, chego mais cedo à Universidade e vou até a biblioteca procurar o livro. Começo a ler ainda no intervalo, mas não sigo a ordem dos capítulos: vou diretamente ao capítulo 4, intitulado “Paulo Freire”. Descubro, no

primeiro parágrafo que “bell hooks” (nome grafado em caixa baixa), na verdade é a voz de escritora de Gloria Watkins. Naquele momento percebo que o capítulo todo fora escrito na forma de diálogo entre Watkins e bell, considerando sua leitura de Paulo Freire: “Quis falar sobre Paulo e sua obra deste jeito porque ele me proporciona uma intimidade – uma familiaridade – que não me parece possível alcançar na forma de ensaio. E aqui encontrei um modo de partilhar a doçura, a solidariedade sobre a qual falo” (p.51).

De imediato, encanto-me com a estratégia de escrita de bell e suspiro várias vezes ao concordar com seus posicionamentos e destaques da leitura que fizera da obra do Paulo Freire. Bell apresenta, inclusive, um posicionamento sobre algumas críticas à obra de Freire que a classificam como sexista em questões de linguagem. Neste ponto, de imediato, lembro-me das conversas com o Prof. Marcos sobre a presença – feminina - de Ana Maria Araújo Freire, Nita Freire - na vida de Paulo e a maneira como esta impactou sua elaboração teórica, resultando da construção da pedagogia “FREIREANA”, evidenciada em “Pedagogia da autonomia” :

A interlocução de Paulo Freire com Nita Freire, nos últimos 10 anos da vida dele, resultará em uma elaboração teórica de ampla acolhida e recepção no crescente movimento “dos afetos” nas artes, nas humanidades, nos movimentos sociais e na política.

(Marcos Reigota, 2021, em texto publicado na edição digital da Revista Cult na ocasião do centenário de Paulo Freire).

Fico imaginando como seria interessante se bell se encontrasse com nosso grupo Perspectiva Ecologista para conversar sobre Paulo Freire e para ampliar o posicionamento que ela desenvolve e que, de alguma forma dialoga com

o nosso. Bell destaca: “o sexismo de Freire é indicado pela linguagem de suas primeiras obras, apesar de tantas coisas continuarem libertadoras” (p.54); “é claro que Paulo parece ficar mais aberto à medida que fica mais velho” (p.59).

É fato que o envelhecimento de Freire e seu amadurecimento teórico são fatores muito relevantes para compreender a mudança de seu pensamento – e consequente aceitação – diante dos círculos feministas, mas aqui, penso eu “faltou apenas para Bell considerar que a doçura e a generosidade que ela tanto menciona na obra de Freire emana também dos diálogos com Nita”.

Observo o relógio e vejo que me perdi no tempo. Concluo a leitura do capítulo 4. Somente no dia seguinte consigo retomar o livro e decido seguir a mesma lógica desordenada de leitura: folheio o sumário despreziosamente e caminho para o capítulo 6, intitulado “essencialismo e experiência”. Ela inicia o texto desenvolvendo uma análise que se refere às mulheres negras engajadas no movimento feminista, em especial a leitura que fez de Diana Fuss acerca dos debates sobre o essencialismo. Dando sequência às reflexões, Bell chega à sua prática em sala de aula, desenvolvendo a argumentação no entorno da autoridade e a quem ela pertence: “a sala de aula pertence ao professor mais que aos alunos, pertence mais a alguns alunos que a outros?” (p.87), ela ainda segue abordando, em especial, os alunos marginalizados e o reconhecimento de suas vozes dentro da sala de aula:

Como professora reconheço que os alunos de grupos marginalizados têm aula dentro de instituições onde suas vozes não têm sido nem ouvidas nem acolhidas, quer eles discutam fatos – aqueles que todos nós podemos conhecer -, quer discutam experiências pessoais. (p.87)

Fiquei muito tempo refletindo sobre este trecho e, também, rememorando várias experiências que tive enquanto docente, no contexto de uma instituição comunitária que recebe estudantes que são trabalhadores e que tiveram formações muito parecidas com as também tive, quando da graduação: quantas vezes ouvi, como professora, agradecimentos de estudantes diante do fato de ouvi-los, ou mesmo diante da percepção que eles existiam na turma. Estes agradecimentos, felizmente, podem refletir os estudos que se aproximam da pedagogia freireana e, conseqüentemente, da leitura que bell fez de Paulo Freire em seu *Ensinar a Transgredir*.

Agradeço à Profa. Fina pela oportunidade de conhecer bell hooks e pela indicação, tão próxima das questões que vivo e acredito.

O esboço deste texto estava guardado em meus arquivos, juntamente um fichamento mais completo do livro da bell. Por algum motivo, optei por não incluí-lo na versão da minha tese que foi para a qualificação. No contexto da banca, o Professor Fernando e a Profa. Daniela me indicaram uma leitura, que segundo eles “foi feito para mim”. Retomei o rascunho que, agora, é minha segunda pausa do banco do jardim.

Pausa 3: Joana Schosller e Memorelas

Em plena pandemia, passeava eu pelo Facebook, encontrei, em um dos grupos do qual fazia parte a divulgação de um Jogo da Memória: Memorelas. Estava eu, neste tempo, caçando atividades lúdicas para praticar com meu filho, então com sete anos, e tirá-lo, um pouco da frente das telas – ele tinha aulas virtuais todos os dias e eu percebi que isso estava o afetando negativamente.

Comprei o jogo, que chegou em casa rapidamente, pelo Sedex. A primeira coisa que me surpreendeu, foi a qualidade gráfica do material: uma caixinha de papelão com acabamento impecável e os desenhos, muito bem finalizados. Depois, fui pesquisar um pouco mais sobre o processo de concepção do jogo, uma vez que se tratava de um Jogo da Memória com figuras de mulheres brasileiras, acompanhado de um encarte que continha algumas informações sobre a história e importância daquelas mulheres, 12 no total, entre elas, Carolina Maria de Jesus, Cecília Meireles, Nise da Silveira, Marta Vieira da Silva – mulheres que desenvolveram papéis sociais diferentes, mas que mereceriam ser lembradas. Havia também um par de cartas em branco, que deveria ser preenchido com a imagem de uma mulher importante para cada “jogador”.

Depois de jogar com Francisco, meu filho, decidi pesquisar um pouco mais sobre a responsável pelo jogo Memorelas. Cheguei ao perfil de Joana Schosller, historiadora, doutora e professora preocupada com o desenvolvimento de atividades lúdicas em suas práticas pedagógicas. Joana havia morado na França para um doutorado sanduíche e, lá, desenvolveu o hábito de visitar uma loja de brinquedos. Apaixonada, desde então, pela literatura infantil e pelo lúdico, passou a incorporar esta sua característica nas práticas com estudantes do Ensino Fundamental.

A história do Memorelas me afetou profundamente, principalmente porque eu me encontrava em um momento da pesquisa em que coletava as memórias a partir dos “objetos geradores”. Além disso, pela primeira vez, estava lecionando no curso de Jogos Digitais, fato que me levou a um interesse pelo campo dos chamados “games”.

Fiquei, então, pensando em desenvolver também um Jogo de Memórias em minha tese – inspirando-me na proposta da Joana, mas abrindo outras dinâmicas de “jogar”. O meu Jogo de Memórias está em processo de ilustração e deve ser apresentado na defesa da tese.

Ao saber da existência do jogo como parte da minha tese e ouvir a história de como cheguei a esta ideia, meu orientador sugeriu incluísse a Joana, autora do Memorelas em meu “Banco do Jardim”. Fiz uma pesquisa e não encontrei nenhum conteúdo relacionado ao jogo e ao detalhamento da proposta, mas, como tinha acesso ao perfil da Joana na rede social, decidi me comunicar com ela. A resposta ocorreu dentro de poucos dias:

“Oi Dani! Eu tô bem e você? Que alegria que Memorelas te inspirou e estará na sua tese. Muito obrigada por levar as Memorelas para a academia científica. Dani, eu ainda não escrevi nada sobre. Mas você pode usar uns textos e entrevistas que eu dei sobre o assunto”.

Joana, então, compartilhou comigo uma série de conteúdos, entre vídeos, entrevistas e resenhas, que me ajudaram a compreender melhor a dimensão do jogo e o pensamento da sua criadora.

O diálogo com a Joana e o nosso desejo comum de “rememorar” – temas diferentes – permitiu-me refletir sobre a prática do diálogo, não somente nas relações que envolvem o contexto escolar, mas a conversa entre pesquisadores em tempos e espaços diferentes. E, também o que permite este diálogo: ampliar

leituras, clarear ideias, conhecer outras concepções.

O encontro com Joana, seria uma mera história para a mesa do bar entre meus amigos, mas no contexto ideal dos que, como eu, são movidos pelos afetos, ele torna-se parte da minha tese e é capaz, também, de transformar e ampliar o que aqui se propõe.

Obrigada, Joana.

Pausa 4: Luiz Fernando Gomes e os Jogos Étnicos.

O Professor Luiz Fernando Gomes tem uma importância muito grande em minha história: foi ele quem me acolheu, como estagiária no setor de Educação a Distância da Uniso, acolhida esta que me possibilitou concluir, como bolsista, minha graduação em Design Gráfico.

Sempre me encantei muito pelo olhar multidisciplinar que o Prof. Luiz desenvolvia na pesquisa e na sala de aula, quando fora meu professor. Seu interesse não era restrito ao campo da EaD: ele também desenhava, contava causos, promovia encontros entre “Pink Floyd e a Filosofia”, entre outras dissonâncias.

Antes de o Professor Luiz mudar-se para Alagoas, onde hoje atua como professor no curso de Letras da UFAL, ele lançou alguns livros: um de causos e outro de poesia e eu tive a oportunidade de participar da concepção do projeto gráfico e da diagramação. A bem da verdade, muito mais me diverti do que trabalhei. Desde esse projeto, o Prof. Luiz Fernando, compartilha comigo, os novos livros que está “matutando”. Em 2021, ele estava preparando 2 livros infantis, engajado em sua função de avô.

Nesta oportunidade contei a ele sobre minha tese e também sobre a ideia do Jogo de Memórias. Ele compartilhou comigo seus pensamentos mais recentes acerca do tema “jogos” e também sobre o tema da moda: “gamificação”.

Para conversar com os estudantes de Letras, ele desenvolveu uma pesquisa no entorno dos “Jogos Étnicos: perspectivas para leitura do mundo”, que muito me encantou. Ora, pela necessidade profissional, andava pesquisando sobre os jogos em sala de aula e a maioria dos conteúdos que encontrava se direcionava ao contexto dos jogos digitais e ao “famigerado” metaverso. O pensamento do Prof. Luiz Fernando caminhava pela tangente – chamariam os mais jovens de “pensamento ´cringe´, talvez....

Fato é que a abordagem dele, remetia à descoberta de possibilidades criativas e multimodais para diferentes culturas e, conseqüentemente, diferentes condições de acesso às novas tecnologias. Os Jogos apresentados: Jogo da Onça – jogo indígena brasileiro; Mancala – jogo de sementeira e Mancala – um jogo francês “Anti-Monopoly”.

Muito embora a pesquisa do Prof. Luiz esteja, neste momento, voltada à multimodalidade e às linguagens, impossível não reconhecer a proximidade entre nossos olhares, motivada, sobretudo, pela escolha dos jogos que devem ser retratados e, mais importante, a característica dos jogadores contemplados.

Conversamos durante toda a noite via mensagem de texto e a última mensagem que recebo do professor Luiz é:

“A gente sabe que pode mais, que deve fazer mais, porém, a ciência é um saco sem fundo kkkk pode cavar ou pode jogar terra, nunca vai chagar ao fundo e nunca vai tapar o buraco da ciência. Nesse caso, Dani, aprendi e repasso: fazer a simplificação é a primeira coisa que um cientista de verdade aprende – a humildade.

Obrigada, Prof. Luiz Fernando.

Pausa 5: Marcos Reigota – Ecologistas (1999) e Educação Ambiental: teoria e práxis (2008).

Estou sentada com meu pai no banco central do jardim. Ele se diverte observando as fotos que separei dos meus arquivos, para, talvez, incluir na tese e conta uma história longa sobre cada uma delas. Em uma das fotos, o Professor Marcos Reigota aparece, ao lado de alguns de meus colegas do grupo Perspectiva Ecologista.

- Pai, este é Prof. Marcos, meu professor do doutorado e estes, meus colegas.

- Marcos...Como é o sobrenome dele?

- É Reigota, pai

- Ah, é que temos um Marquinho na família, filho da sua tia que faleceu antes de você nascer. Mas ele era Marcos Furtado.

- Não me lembrava pai. Mas o professor Marcos é outro. Sabe que ele viu o vídeo que eu gravei com o senhor e gostou?

- Ah, que bom! Você teve boa nota?

- Sim pai, obrigada.

Pai, o Prof. Marcos Reigota é um professor muito bom. Ele é reconhecido até fora do Brasil. Seus primeiros estudos são sobre Educação Ambiental e ele é referência nesta área, mas nos últimos anos, como professor da Uniso, cuida do meu grupo de pesquisa: o Perspectiva Ecologista da Educação. Ele também é do interior, como nós e tem uma maneira muito bonita de fazer ciência. Sim, o

que ele faz e o que fazemos em nosso grupo é ciência!

Pai, no doutorado as aulas acontecem de uma forma um pouco diferente: eu não tenho horário de aula todos os dias, mas em compensação, preciso me dedicar muito para escrever o meu trabalho final, que é chamado de tese. Para escrever a tese eu li vários textos do Prof. Marcos, mais novos e mais antigos. O texto que mais me marcou foi o livro *Ecologistas* (1999). Sabe quando lemos um texto e nos identificamos com ele? Com o *Ecologistas* foi assim.

Não pense que o livro fala sobre a ecologia que aparece na TV: aquela sobre reciclar o lixo, não poluir as águas ou desligar um ponto de luz para pagar menos na conta de energia. A *Ecologia* do Prof. Marcos não é somente sobre os movimentos ecológicos. Ele escreve que as ecologias estão presentes em outras manifestações: na música, na literatura e na educação... O senhor sempre acreditou que a educação ia nos tornar melhores e sempre disse que devíamos estudar para ter uma vida melhor do que a sua. Entender a educação como um direito de todos e considerar que nós, que estamos nas margens, aprendemos, convivemos e nos relacionamos na escola de uma maneira diferente é importante para o pensamento ecologista.

O professor Marcos, pai, também desenvolve neste mesmo livro, *Ecologistas* (1999) e também em outro, chamado *Educação Ambiental, Utopia e Práxis* (2008) um estudo sobre as narrativas ficcionais. Narrativas são histórias e ficção é uma história que não precisa ser verdadeira, mas que, de alguma forma se liga com a realidade. A escrita de ficção é muito estudada na literatura, naqueles livros todos que eu tenho no meu quarto, sabe? Mas o professor Marcos, pai, utiliza a técnica das narrativas ficcionais para desenvolver textos sobre as coisas que acontecem com pessoas como nós. Veja pai, que ao escrever sobre estas histórias, ao dialogar com os ecologistas, o Professor Marcos considera que nossa história é relevante e cara, como qualquer outra, mais chique.

- Que interessante, filha. Entendi o que significa, mas não sei se eu conseguiria escolher palavras bonitas para contar histórias. Não era muito bom no Português. Mas você é, né?

- Não sei se desse jeito, pai.

Pausa 6: Ecléa Bosi – Lembranças de Velhos (1983) e Fernando Frochtengarten – Memórias de vida, memórias de guerra (2005)

Estou sentada no banco do jardim, segurando o livro Lembranças de Velhos, da professora Ecléa Bosi. Meu pai, que estava ali perto regando os girassóis, chega para sentar-se um pouco.

- Que livrão é esse?. Ele pergunta.

- Ah, este é aquele livro que demorei para encontrar! É um livro de 1983, pai, comprei usado aliás. Veja, ele já está com a encadernação soltando.

- É mesmo, sua mãe tem uma fita na gaveta do quarto, dá pra passar aí do lado.

- É verdade.

- Sobre o que esse livro fala?

- Sobre memórias, dos velhos! A Profa. Ecléa Bosi visitou algumas pessoas Ecléa visitou pessoas que tinham em comum a idade superior a 60 anos e o espaço – Cidade de São Paulo e ouviu estas histórias.

- Tem muita história para ouvir lá em casa, mas não sei se ela ia querer.

Ah, ela ia, pai. No livro, ela ouve histórias de homens e mulheres: costureiras, lavradores, operários, como a gente lá em casa. Todas as pessoas que ela ouviu mudaram para São Paulo e lá formaram família, viveram suas vidas. Em todo o livro, a gente encontra registros de histórias, memórias, relatos...às vezes até parecem sem sentido e conexão, mas vão ganhando corpo à medida que se percebe que estas histórias se posicionam em um contexto do espaço de falar e ser ouvido.

A Profa. Eclea Bosi inspirou a escrita e a pesquisa de outro autor, deste livro que está aqui na minha sacola: Fernando Frochtengarten. Nome difícil, não é? Mas o livro, que é esse: Memórias de vida, memórias de guerra, eu garanto que o senhor ia gostar de ler. Neste livro, o Fernando viaja em companhia de uma tia e de seu vô para as cidades polonesas onde seus avós viveram muitas histórias tristes e, até, foram deportados para campos de concentração nazistas na Segunda Guerra.

Acho que o senhor ia gostar, não por ser uma história triste, mas pela maneira que a história é contada. O Fernando é um estudioso da psicologia social e, por isso, mantém, ao longo de todo o livro um compromisso de construir uma narrativa amparada em questões éticas e também de resistência.

Quando li pela primeira vez estes dois autores, pai, ainda não sabia muito bem o que ia fazer no meu trabalho de doutorado, mas sabia que ambos seriam inspiração para que eu pudesse chegar até meu objetivo.

- Minha filha e qual é mesmo seu objetivo?

- Que sejamos vistos, pai.

Pausa 7: Peter Spink – Pesquisador conversador (2008)

- Pai, venha aqui um pouco. Dá uma olhada nesta foto que tirei lá no sítio! A gente encontrou esse espantalho no meio da hortinha que era do tio Zir.

- (rindo) Acho que estas roupas eram do Zir. Ali tem problema de gavião que pega as galinhas e de passarinho que vai comer a plantação e aí, se não cuidar a gente perde tudo.

- Mas será que o espantalho funciona, pai?

- Se assusta o bicho, não sei, mas se eu visse de noite ia correr.

- Pai, acho que eu gostaria de ser um espantalho.

- Credo, o espantalho é feio, fica debaixo de sol e chuva.

- É que ele fica ali, observando, pai. Ele ouve todas as conversas. Ele vê os dias passarem, ele acompanha o crescimento dos legumes. Ele é um bom observador, por isso, se ele falasse, acho que seria, também, um bom conversador.

Pai, eu li um artigo para o doutorado, que fala sobre o pesquisador conversador. Mas não é aquele conversador como a dona Vera, da esquina, que quer levar a fofoca para a rua...conversador no sentido de dialogar com a realidade. O autor deste artigo, pai, chama-se Peter Spink e ele também escreve que qualquer situação do dia a dia poderia ser tema de uma pesquisa!

Pai, você sabia que eu estou na linha de pesquisa chamada Cotidiano Escolar, lá no doutorado? Isso significa que preciso dialogar com as questões de ordem do dia-a-dia...E sabe que não é fácil fazer isso... Se eu crio um método bem organizado, estruturado e se me preparo e ensaio para conversar com o cotidiano, corro o risco de me distanciar dele... E quando a gente se sente em posição superior a do outro, a gente não ouve de verdade, não é pai?

O Peter Spink escreve que todas as situações do dia a dia : uma conversa no ônibus, um fato que chamou nossa atenção, são questões de ordem do dia e para que possamos escrever sobre elas, precisamos conversar com elas. Para conversar com elas, precisamos aprender a observar.

Por isso, pai eu acho que gostaria de ser um espantalho.

- Minha filha, não sei se seria uma boa ideia. O espantalho assusta, não é?

- Sim, assusta.



Figura 34:

Espantalho protegendo a plantação.

Foto: Gerson Junior.

Objeto gerador desta memória:

O item “inventário dos objetos geradores” apresenta descrição de todos os objetos apresentados ao longo da tese, que tornam-se as imagens do jogo de memórias produzido a partir deste trabalho.

Espantalho



Figura 40: Espantalho. Desenho de Ana Clara Araújo de Oliveira.

Pausa 8: Paulo Freire

Estou sentada no banco do jardim, vestindo minha camiseta que tem uma foto de Paulo Freire e a legenda: “Professor Paulo Freire”. Meu pai senta a meu lado, cansado de trabalhar no jardim.

- Eu já ouvi falar sobre o Paulo Freire. E vi no Facebook, que o Alexandre, filho da tia Mirtes colocou uma escola depredada e escreveu “esse é o resultado da geração Paulo Freire”.

- Ah, não se importe com isso, pai. Eu já vi outras postagens do Alexandre e acho que entendi a posição política dele. Só não entendi muito bem como ele pode ter essa posição sendo quem é: trabalhador da lavoura, como você.

- Eles não sabem muito bem sobre política, filha. O que eles ouvem é que tudo está muito ruim e, por isso, acreditam que está assim por culpa do governo anterior. E também falam mal do Paulo Freire.

- Paulo Freire é nosso patrono da educação, pai. E ele é muito reconhecido fora do país. Mas ele não é um educador que pensou para os mais ricos. A sua principal reflexão foi relacionada à educação como direito de todos. Ele criou um método de alfabetização de jovens e adultos e alfabetizou muita gente em apenas 40 dias, lá em Angicos/RN.

Sabe que ele é criticado por pessoas como o Alexandre que acreditam que o sistema educacional brasileiro está falido por culpa do “método Paulo Freire”. Mas ele não pode ser reduzido ao método pai. E, muito menos, o método dele foi aplicado na alfabetização das crianças brasileiras, uma vez que foi pensado para jovens e adultos operários...

- Ah, filha, sua mãe foi alfabetizada com esse método, se não me engano.

- Sim, pode ser mesmo, pai...Paulo Freire é uma grande referência para

minha pesquisa de doutorado e para minha prática como professora. Ele escreveu muitos livros e foi estudado por muita gente, aqui no Brasil e fora daqui. Ah, em 2021, comemoramos o centenário dele. Meu professor escreveu neste livro aqui “Boniteza”, sobre uma viagem que ele fez a Cuba, quando, a pedido da esposa do Paulo Freire, Nita, teve a oportunidade de levar alguns livros para amigos dela que moravam lá. É um livro novinho, acabei de ler. Ah, e boniteza é uma palavra que Paulo Freire usa, mas que não existia, antes, no dicionário, pelo menos com esse sentido! Ou melhor, com todos os sentidos que Paulo Freire quer transmitir através dela.

- Ah, agora já sei o que responder se achar outra postagem dessas.... Pensando melhor, não sei se vale a pena. Não seria uma boniteza.



Dente de leão

Dente de leão

Na florada de dente-de-leão, encontram-se os afetos que esta pesquisa causou na prática da pesquisadora, também professora, gerando resultados em produções dos estudantes dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Relações Públicas da Universidade de Sorocaba – Uniso e também em outros contextos de sua atuação na educação. Esta flor, quando se espalha e é fecundada gera outros tantos dentes de leão. Cada um à sua maneira.

Na porta do Jardim: O papel vegetal

Quando eu tinha cerca de 9 anos, tive um professor de Geografia que gostava de pedir o desenho de mapas como tarefas. Talvez ele tivesse uma parceria com um senhor que vendia Atlas na Escola. O fato é que ele sempre nos fazia decorar a localização dos países, estados e capitais e, em seguida, copiar o desenho do Atlas em uma folha de papel sulfite. Eu não era muito habilidosa com os traços finos, tinha pouca paciência para decorar os nomes e, ainda, tinha 10 graus de miopia, que me impediam de enxergar bem as “letrinhas miúdas” do Atlas recomendado. Várias vezes tirei notas baixas nesta atividade. Minha mãe não me perguntava sobre a escola, mas, vez ou outra, abria o meu caderno e olhava os recados dos professores. No caderno de Geografia, havia uma recomendação “fazer a tarefa com mais capricho”. Então, depois de dar uma bronca, ela quis me ajudar: “precisa fazer direito a lição”. Eu expliquei a situação a ela, com o máximo de detalhes que consegui e, depois de pensar, ela chegou a uma conclusão: “seu pai tem olho bom, peça ajuda a ele”. Desde então, sempre que tinha tarefa de Geografia, recorria a meu pai. A recomendação era sempre a mesma: “compre papel vegetal na lojinha da rua de trás, que quando o pai voltar do serviço, ajuda você”. Então, eu ia feliz para a loja da “Rosinha” comprar o papel. A tarefa se repetia tantas vezes, que chegou um momento em que a Rosinha já sabia o que eu ia comprar antes mesmo de eu dizer: “quantas folhas de papel vegetal?”. Meu pai sempre chegava à noite do trabalho. Depois da janta, a gente limpava a mesa da cozinha e eu ia buscar o Atlas e o papel vegetal. Então, meu pai apertava os olhos e ia copiando as linhas do mapa. Enquanto copiava, ia comentando curiosidades sobre os países e dizendo os estados, as capitais, sem ler as letrinhas miúdas. Minha mãe achava graça “o Zé quer se fazer de sabido, o que ele sabe da Europa, se nunca foi lá?”. Ele ficava um pouco bravo, mas, na sequência, voltava a desenhar. Enquanto desenhava, lembrava de outras curiosidades. Meu pai estudou até o terceiro ano primário, mas eu o achava muito “sabido”. Ele tinha uma memória muito boa para nomes e para caminhos. Lembro-me que ele descrevia

lugares com uma riqueza muito grande de detalhes: uma narrativa quase que fotográfica. Quando terminava o desenho, ele soletrava os nomes que eu deveria escrever: “a letra do pai é feia”. Então, eu contornava tudo com canetinha preta e pintava bem bonito. Agora gostava muito das tarefas de Geografia. Meu professor, estranhou a repentina mudança, mas eu não sabia enganar: “meu pai está me ajudando com as tarefas, professor”. O papel vegetal nos ajudava a copiar o desenho do Atlas exatamente como ele era. Um papel transparente, fininho, que permitia que a gente, da mesa da cozinha, viajasse pelo contorno dos países desenhados no Atlas. Mais que a atividade de copiar o desenho, interessavam a mim, as narrativas do meu pai, que mesclavam informações e fantasia, memórias esparsas e fatos. Hoje, com pouco mais de 30 anos, penso que as atividades de Geografia foram mais importantes para o meu pai do que para mim: ora, eu não consegui desenvolver a habilidade de desenhar mapas, muito menos decorei todas as capitais. Mas o meu pai ainda lembra que podia me ajudar com as tarefas, mesmo diante de todas as “limitações”. E ele se lembra “eu era muito bom em Geografia, cheguei a ter a melhor nota da turma”.

Objeto gerador desta memória:

O item “inventário dos objetos geradores” apresenta descrição de todos os objetos apresentados ao longo da tese, que tornam-se as imagens do jogo de memórias produzido a partir deste trabalho.

O mapa



Figura 41: O mapa. Desenho de Ana Clara Araújo de Oliveira.

Das coisas do caminho. Da responsabilidade de ser pesquisadora-docente.

Tenho alguma dificuldade de separar os meus papéis. Quando iniciei meu doutorado, sabia que, naturalmente, sua conclusão possibilitaria um título para ser adicionado a meu nome na assinatura do e-mail, mas não desejava só isso.

O sentido de produzir pesquisa em Educação, no Brasil me era mais importante, assim como a maneira que esta pesquisa poderia afetar os estudantes com os quais convivia e, conseqüentemente, a mim mesma, a minha história e das pessoas que estão próximas de mim.

Assim, pesquisadora-docente-filha de lavradores. Uma só pessoa, embora, diferentes papéis.

Enquanto vou caminhando, encontro estudantes, que estão, sob curto período de sua caminhada, tendo a mim como guia. Dentro das limitações e fazendo o que há de ser feito, tenho tentado estimular estes estudantes a também coletar o que está pelo caminho. O que está visível e, também o que está invisível.

Certa vez, em um desses cursos, de que fazia parte um homem que fora, durante longo tempo, operário, se estabeleceu uma dessas discussões em que se afirmava a “periculosidade da consciência crítica”. No meio da discussão, disse este homem: “Talvez seja eu, entre os senhores, o único de origem operária. Não posso dizer que haja entendido todas as palavras que foram ditas aqui, mas uma coisa eu posso afirmar: cheguei a este curso ingênuo e, ao descobrir-me ingênuo, comecei a tornar-me crítico” (...)

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020. p.31-32.

Ao terminar a minha graduação em Letras, passaria de estudante a docente. Sentia, no entanto, que o meu par de óculos (que me permitia ver) me tornaria eternamente estudante. E que assim deveria ser, todos os dias.

Precisava concluir meu estágio, e, por isso, desisti de um trabalho em um escritório de contabilidade, para ministrar aulas como eventual, em uma escola do estado. Recebia 11 reais por hora de aula e substituía professores de diversas disciplinas. Quando dava sorte, a aula era de Gramática ou Redação, mas, quase sempre eram outros conteúdos.

Em uma das ocasiões, a aula era de Química. A professora estava em licença e precisaria em uma turma do segundo ano do Ensino Médio. Lembro-me que fiquei apavorada, pois era péssima em Química, ao que uma colega me tranquilizou “a professora deixa o conteúdo, é só passar na lousa”.

Entrei na sala tremendo. Os estudantes estavam sentados de maneira desordenada, não interromperam o que faziam quando entrei. Sentei-me à mesa, coloquei o livro pesado sobre ela e me apresentei para a turma. Via um ou dois olhares voltados a mim. Os demais seguiram o que estavam fazendo: jogar, rabiscar a mesa, escrever bilhetinho.

Depois que terminei a aula (que era escrever duas páginas do livro na lousa), uma das estudantes veio até mim. Disse que ficava curiosa com o fato de eu ser tão jovem “e professora” – tinha pouco mais de 20 anos, à época. Ela disse que também queria ser professora de Química, como eu, e perguntou como eu tinha conseguido.

Constrangida, escondi o fato de não ser professora de Química, mas falei sobre as provas de vestibular, sobre Enem, sobre a bolsa e vi seus olhos brilharem. Ao terminar a conversa, ela disse que, agora, tinha certeza de que não conseguiria ser professora: seus pais trabalhavam e ela tinha 3 irmãos menores,

pelos quais era responsável no período da tarde, então, não tinha tempo para estudar, fora da escola. Não lembro exatamente o que disse a ela, mas foi algo no sentido de “pelo menos tentar”. No dia seguinte, levei um guia de vestibular, que eu havia comprado na banca de jornal: ela ficou muito feliz e me agradeceu com um abraço...

Ano de 2011, meu primeiro ano como docente na graduação.

Naquele semestre trabalhava Língua Portuguesa em dois cursos: Engenharia de Controle e Automação – turma formada por 40 homens e uma mulher - e Arquitetura, com 60 estudantes.

Havia um estudante, Joaquim, que sempre se sentava na primeira fileira e mostrava-se muito interessado na aula. Em um dia falei sobre o gênero Poesia e vi que ele se animou. Ao final da aula e ele foi falar comigo, pela primeira vez: “professora, gostaria de mostrar para a senhora alguns poemas que faço. Eu não tenho muito tempo para escrever, pois trabalho à tarde como mestre de obras, mas, quando escrevo me sinto muito bem”.

Na aula seguinte ele me levou os poemas. Falavam sobre amor, sobre trabalho, sobre sonhos. Joaquim tinha 17 anos e havia conseguido uma bolsa do PROUNI para estudar Arquitetura. Ele me disse que escolheu o curso porque gostava de poesia e achava que a cidade era pura poesia, portanto, Arquitetura também era poesia.

Trabalhei apenas um semestre com a turma do Joaquim. Mas ainda o acompanho na rede social. Agora ele é Arquiteto e continua fazendo poesia. Seus projetos de arquitetura, incorporam a poesia do dia-a-dia. A poesia da gente simples que, ao sonhar uma casa, sonha um lar.

O exercício da visibilidade

Durante a escrita da tese, em meio à pandemia, minhas práticas profissionais seguiram, a todo vapor, mediadas pelas novas tecnologias, no limite de diálogo que elas permitem. Em paralelo à escrita da tese, no segundo semestre de 2020, meu colega José Neto e eu participávamos dos seminários com o professor Marcos Reigota, também virtualmente. Nesta ocasião, assistimos ao documentário sobre Paulo Freire, dirigido pelo Cristiano Burlan e tivemos tardes de conversas intensas e muita emoção. Em conversas, Neto e eu sempre mencionávamos o fato de a nossa pesquisa, dentro do grupo Perspectiva Ecologista andava afetando a nossa prática pedagógica. Sempre ressaltávamos que essa trajetória de formação em pesquisa não ficaria, para nós restrita ao universo teórico, mas transbordaria, naturalmente para os espaços nos quais estávamos inseridos profissionalmente.

Diante de uma exigência da universidade de desenvolver atividades de extensão com os estudantes, pensamos em uma proposta de atividade interdisciplinar entre os componentes que trabalhávamos no mesmo contexto: ele Produção Fotográfica e eu Inovação e Criatividade.

Pedimos que os estudantes da área da Comunicação: Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda da Universidade de Sorocaba fizessem um exercício de observação de suas realidades para além do que costumavam ver em seu dia-a-dia.

A proposta dialogava com o componente Inovação e Criatividade, que propunha, na metodologia, atividades que permitissem aos estudantes ampliar seus repertórios de referência e, assim, também, ampliar a leitura do mundo.

Os resultados foram dos mais diversos e acabaram por comprovar nossas conversas dos corredores: ser um educador ecologista é partilhar, ouvir e

semear.. Diante da proposta: “Retratos de invisíveis”, as equipes de trabalho revistaram seus espaços – cidades do interior de São Paulo” e encontraram, na observação dos cotidianos diversos tesouros.

Equipe 1: Cultivo de cogumelos orgânicos em Ibiuna, interior de São Paulo.

Uma das equipes encontrou-se com mulheres que trabalham com agricultura familiar, no cultivo de cogumelo orgânico, na cidade de Ibiuna/SP. Encontrou, também, histórias de luta e de resistência. Voltaram para a aula encantados e escolheram uma frase, da matriarca da família para compor a bela apresentação que preparam.

Joice, estudante muito participativa em tempos de diálogo remoto, disse que sempre morou perto da família Bueno, conhecia e consumia os cogumelos orgânicos por eles cultivados, mas, antes desta oportunidade, nunca havia conversado com a família e, tampouco, conhecido sua história de luta e resistência.

Alex, seu colega de equipe e estudante de Publicidade, trabalha como fotógrafo e acompanhou a Joice com a intenção de captar boas imagens. Durante o processo de planejamento do trabalho, lembro-me de seus comentários: “ah, já estou pensando nas fotos das plantações, de cima, ressaltando cores e texturas”.

Quando chegaram ao local, Joice e Alex narram, no entanto que seus planos mudaram: ela, determinada a coletar uma entrevista, ele com as imagens previamente pensadas. Acabaram conhecendo e fotografando gente. Das plantações para as mãos, da pergunta ao diálogo.



Link para o trabalho completo do grupo: https://www.canva.com/design/DAEfnV4UITA/KX6lYYA1xPHpvNI7dxGjpA/view?utm_content=DAEfnV4UITA&utm_campaign=designshare&utm_medium=link&utm_source=sharebutton#16

“Nós estamos aqui resistindo mais um dia e com muita fé e muita esperança de que a nossa família vai conseguir sair dessa pandemia e curar todas essas feridas que foram abertas durante o surto de coronavírus, com muita calma, com muita paciência, com muito amor e com muita dedicação.”

Figura 42: Matriarca da família Bueno, que trabalha com agricultura familiar no interior de São Paulo. Foto: Alex Zambianco Bento, estudante de Publicidade e Propaganda. Texto e entrevista de Joice Barros, estudante de Jornalismo.

Fábrica São Martinho – Tecelagem (1881) – Tatuí/SP. Sobre os acasos e ecos.

Esta produção de um estudante do período matutino, Bruno, encontrou, sem que fosse planejado, um eco na produção de outro estudante, Rafael, do período noturno. Bruno, morador da Tatuí, sempre passava em frente a um espaço histórico da cidade: A fábrica São Martinho, uma tecelagem construída na cidade em 1881. Aquele espaço, embora abandonado, por sua arquitetura clássica e bela sempre atraiu fotógrafos de casamento, que aproveitavam o espaço para registrar belos enquadramentos para estes álbuns de recordação.

Este estudante, no entanto, relatou que sempre foi muito curioso com relação à história daquela fábrica: disse que sempre pensou nas histórias que devem ter acontecido ali dentro, sempre pensou nos trabalhadores que por ali passaram e se questionava, curioso, sobre como era a realidade deles. Ele decidiu, então, encontrar algum destes trabalhadores e, como estudante de Jornalismo, entrevistá-lo. A tentativa, no entanto, foi frustrada: nenhum dos trabalhadores que ele encontrou ainda vivos concordou em dar seu depoimento.

Ele então, já havia desistido e decidiu fotografar o espaço e produzir contos fictícios relacionados às histórias que tiveram a fábrica como palco. Então, enquanto fotografava, deparou-se com uma surpresa: encontrou um senhor de 65 anos, que curiosamente, colecionava documentos e textos relacionados à fábrica:

Fomos em busca de funcionários que fizeram parte dessa grande indústria para saber detalhes de seu interior quando era ativa e até mesmo informações de seus proprietários. Não foi uma tarefa fácil pois a maioria de seus colaboradores já não se encontram com vida. Ao andar em volta da fábrica conhecemos uma ilustre figura que deu base a nossa matéria, o Sr. Pompilho Falasca de 65 anos, através dele conhecemos um funcionário que trabalhou na fábrica. Sergio de 54 anos foi um dos colaboradores da fábrica que fez parte da equipe por dois anos, onde trabalhou no setor de "conicaleira" que fazia fios de plástico. Ele relatou que trabalhou no turno da noite, que tinha por volta de 500 trabalhadores. Também confessou que não gostava muito de trabalhar na indústria pois o barulho das máquinas mecânicas era muito alto.

(Texto do estudante)

Bruno, então, produziu sua pesquisa e apresentou para os colegas no período da manhã. No período da noite, encontrei com a outra turma, e outro estudante, Rafael, para minha surpresa, encontrou um ex-funcionário da tecelagem São Martinho, morando em Sorocaba e exercendo, atualmente a profissão de barbeiro.

O foco do trabalho do Rafael eram as profissões esquecidas, como a de sapateiro, barbeiro (tradicional). Portanto, seu objetivo não era falar sobre o passado do trabalho do personagem que encontro na tecelagem, mas este assunto acabou surgindo naturalmente durante a conversa e, sem que nada fosse planejado, encontrou convergências com o trabalho de seu colega, que ele, até então não conhecia.



Figuras 43 e 44: registros da tecelagem São Martinho e dos seus entornos. Foto: Bruno Mateus Dias da Silva, estudante de Jornalismo.

Estes encontros ao acaso, e a sensibilidade que os estudantes desenvolveram que os permitiu encontrar o inusitado nas situações do cotidiano nos permitem compreender, na prática, a ideia do Pesquisador Conversador, Peter Spink (2008). Assim temos, a teoria, mais uma vez surgindo naturalmente na prática, a partir do que se vive e a partir do que se constrói em nossas relações do cotidiano escolar.



Figuras 45 e 46: O encontro com um ex-funcionário da Fábrica São Martinho. Foto: Rafael Alves, estudante de Publicidade

Ainda sobre os ecos

Ninguém ouviu
Um soluçar de dor
No canto do Brasil

Um lamento triste
Sempre ecoou
Desde que o índio guerreiro
Foi pro cativoiro
E de lá cantou

Negro entoou
Um canto de revolta pelos ares
No Quilombo dos Palmares
Onde se refugiou
Fora a luta dos Inconfidentes
Pela quebra das correntes
Nada adiantou
E de guerra em paz
De paz em guerra
Todo o povo dessa terra
Quando pode cantar
Canta de dor

**Ecoa noite e dia
E ensurdecador
Ah, mas que agonia
O canto do trabalhador
Este canto que devia
Ser um canto de alegria
Soa apenas como um soluçar de dor.**

Clara Nunes. **O canto das três raças.** Composição: Mauro Duarte / Paulo César Pinheiro.

Para ouvir: https://www.youtube.com/watch?v=ojyql_8FqfA

Todos os dias milhares de trabalhadores seguem suas vidas à margem do que se considera como uma existência digna. O acesso ao saneamento básico, ao alimento, à escola, está, ainda, restrito a determinados grupos econômicos. Mesmo assim, eles seguem, caminhando e cantando. E o canto destes trabalhadores, que devia ser um canto de alegria, soa apenas como um soluçar de dor.

“Meu sonho é ser gente”. Como permanecer impassível diante a afirmação de uma mãe, pessoa em situação de rua, foi presa por roubar miojo e suco para alimentar seus filhos. Ao mesmo tempo histórico, a capa do Jornal Extra do dia 29 de setembro de 2021, em uma imagem chocante a dor da fome: uma pessoa abaixada pegando os restos de ossos de boi para alimentar suas famílias.

Como produzir uma tese de doutorado, sendo quem sou, vindo de onde vim, sem ouvir os ecos daqueles que vieram antes de mim e daqueles que vivem condições subumanas?

Meus pais compreenderam a educação como um instrumento de libertação de seus filhos. Como uma oportunidade de se distanciar das condições de opressão e injustiça. E, não só meus pais: eles representam todo um grupo de pais dos estudantes pelos quais sou responsável. Representam os pais de meus colegas do grupo de pesquisa, representam a luta pelo que, Antônio Cândido em seu “Parceiros do Rio Bonito” de “mínimos vitais de alimentação, mínimos sociais de organização para obtê-las e garantir a regularidade das relações humanas” (p.31)



Figura 47: Capa do Jornal Extra em Setembro de 2021. Fonte: Facebook Jornal Extra. Acesso: 14. Out. 2021.

Figura 48: Rosângela Sibebe, que foi presa por roubar alimentos no valor de R\$ 21, 69 para alimentar os filhos.



O que estas questões têm a ver com a educação? Como elas afetam os cotidianos escolares? Meu contexto de atuação profissional, meu contexto de formação é bem claro em seu local de existência: uma universidade comunitária situada no interior de São Paulo. Universidade esta que recebe muitos estudantes trabalhadores, de origem humilde. Muitos de meus colegas de profissão, professores, também foram formados nestes contextos e vieram de condições semelhantes. Os ecos estão mais próximos do que se pode imaginar!

Num dia, meu coordenador do curso de Publicidade e Propaganda, solicitou que todos os professores preenchessem uma ficha relatando as pesquisas que estavam desenvolvendo no momento, para registro do colegiado. Logo depois que enviei minhas respostas, ele me chamou, via mensagem no *Whatsapp*: havia lido o resumo da minha pesquisa, no qual eu mencionava o bairro Sabiá-Una de Itapetininga e se espantou: ele passou boa parte de sua infância em um sítio vizinho ao que meu avô paterno morava e onde meus irmãos cresceram.

Acabamos, por fim, descobrindo que tínhamos certo grau de parentesco – o pai dele era irmão de um dos meus tios. Ele se emocionou ao lembrar o fato e compartilhou comigo algumas fotos que tinha de meu avô e seu falecido pai, conversamos bastante naquela tarde.

A conversa com meu coordenador e as devolutivas que meus colegas do grupo davam ao ouvir as histórias que eu contava durante o seminário, me permitiram perceber que o sentido desta tese também seria ser o de provocar ecos, identificações. Muitos de nós, do grupo Perspectiva Ecologista e muitos de nossos estudantes, crescemos em cidades pequenas e famílias simples e alguns de nós fomos os primeiros a ingressar no Ensino Superior.

“Senti o cheiro do café”, “Minha mãe era benzedeira”, “Chamei minha mãe para ouvir” foram algumas das frases que ouvi no decorrer dos seminários, quando apresentava as narrativas que escrevia a partir das conversas, a partir dos geradores. Além destes afetos (e, talvez) até mais importante que eles seria a percepção da dimensão política que esta tese adquire quando opta por retratar estas pessoas, estes cotidianos neste formato.



Girassóis

Girassóis

Neste espaço do jardim, a pesquisadora encontra-se com os colegas pesquisadores do grupo Perspectiva Ecologista da Educação em diálogos “livres como girassóis de Van Gogh” (Baco Exu do Blues, 2018). A “vibrante presença” (Barchi, 2017) de Marcos Reigota como orientador desta pesquisa, recebe um canto especial neste texto. Aqui encontram-se as memórias das aulas e seminários, dos aprendizados em convivência e das leituras que tornaram esta tese “objeto de si mesma”.

Nossos sertões

O mundo do sertanejo é o seu_sertão. O mundo de cada um é aquele que escolhe e aquele que cerca. Ou seja, existem as condições de sertão que nascem conosco, pois são físicas – calor, chuva, vento – e existem aquelas que podemos escolher. Não que, para “desenhar nosso próprio sertão” e, portanto, escolher aqueles vão compor nosso cenário, não precisemos conhecer profundamente as condições que, de fato, nos cercam.

A maneira que nos relacionamos com nosso sertão também importa para que a imagem dele seja construída: como sentimos o vento, o calor, como sentimos a chuva? Com que olhos vemos o nascer do sol?

Alguns afirmam que, para caminhar pelo sertão é necessário saber muito bem para onde se vai e, para isso, projetar os caminhos, prospectar as estradas e caminhar. Outros, como eu, prospectam e imaginam seus objetivos. Estes então, **imaginados**, são desejos que ainda não se pode alcançar e ver.

O caminho pelo sertão dos que imaginam os objetivos, não é pré-determinado, mas igualmente carregado de riquezas, daquelas que se encontram à beira da estrada. Quando aquele que imagina seu objetivo consegue, enfim, observar a imagem do que deseja alcançar, ele provavelmente estará carregado daquilo que encontrou pelo caminho.

E estará, também, acompanhado de outros, que buscavam objetivos em estradas próximas.

Assim, quando me perguntam o objetivo de minha pesquisa, posso decepcionar, por não conseguir detalhar suas características, mostrar sua fotografia realista. O que posso é mostrar uma pintura impressionista dele.

Caminham comigo muitas vozes potentes. A voz de nosso orientador, Prof. Marcos e sua vibrante presença que nos provoca e estimula a percorrer nossos próprios caminhos. Ao coro de nosso grupo potente, já cantaram Marta Catunda, Rodrigo Barcchi, Ariane Diniz, Andreia Ramos e tantos outros, que não conheci fisicamente, mas tenho a certeza de serem vozes que se somam à minha. De nosso grupo atual, em formação, cantam: Tânia, viajante freireana, Íris, bordadeira da beleza, Givanildo e suas vozes das “Gerais”, José Neto e seu olhar fotográfico, Leonardo e a educação no campo (que me ajudou a pensar e fundamentar meu projeto) e Patrícia, com o direito à educação.

Caminhamos juntos, em acordes dissonantes, pelos cinco mil autofalantes, enquanto podemos resistir.

Na sequência escrevo uma carta-telegrama para cada um de meus colegas que constroem, comigo, este tornar-se pesquisadora.

Sobre a cabeça, os aviões
Sob os meus pés, os caminhões
Aponta contra os chapadões
Meu nariz

Eu organizo o movimento
Eu oriento o Carnaval
Eu inauguro o monumento
No Planalto Central do país

Viva a Bossa, sa, sa
Viva a Palhoça, ça, ça, ça, ça
Viva a Bossa, sa, sa
Viva a Palhoça, ça, ça, ça, ça

O monumento
É de papel crepom e prata
Os olhos verdes da mulata
A cabeleira esconde
Atrás da verde mata
O luar do sertão

O monumento não tem porta
A entrada é uma rua antiga
Estreita e torta
E no joelho uma criança
Sorridente, feia e morta
Estende a mão

Viva a mata, tá, tá
Viva a mulata, tá, tá, tá, tá
Viva a mata, tá, tá
Viva a mulata, tá, tá, tá, tá

No pátio interno há uma piscina
Com água azul de Amaralina
Coqueiro, brisa e fala nordestina

E faróis

Na mão direita tem uma roseira
Autenticando eterna primavera
E no jardim os urubus passeiam
A tarde inteira entre os girassóis

Viva Maria, ia, ia
Viva a Bahia, ia, ia, ia, ia
Viva Maria, ia, ia
Viva a Bahia, ia, ia, ia, ia

No pulso esquerdo o bang-bang
Em suas veias corre
Muito pouco sangue
Mas seu coração
Balança um samba de tamborim

Emite acordes dissonantes
Pelos cinco mil alto-falantes
Senhoras e senhores
Ele põe os olhos grandes
Sobre mim

Viva Iracema, ma, ma
Viva Ipanema, ma, ma, ma, ma
Viva Iracema, ma, ma
Viva Ipanema, ma, ma, ma, ma

Domingo é o fino-da-bossa
Segunda-feira está na fossa
Terça-feira vai à roça
Porém

O monumento é bem moderno
Não disse nada do modelo
Do meu terno
Que tudo mais vá pro inferno, meu bem

Que tudo mais vá pro inferno, meu bem

Viva a banda, da, da
Carmem Miranda, da, da, da, da
Viva a banda, da, da
Carmem Miranda, da, da, da, da

Tropicália. Caetano Veloso. Para ouvir: <https://www.youtube.com/watch?v=1Z1qNsm-NUk>

Ao Girassol José Neto

A minha história é, talvez

É talvez igual a tua, jovem que desceu do norte, que no sul viveu na rua

E que ficou desorientado, como é comum no seu tempo

E que ficou desapontado, como é comum no seu tempo

E que ficou apaixonado e violento como, como você

Belchior. Fotografia 3X4. Para ouvir: <https://www.youtube.com/watch?v=5-uOtYPSNBs>

Meu caro amigo José. É ouvindo Belchior que te escrevo. Que faço uma fotografia 3X4 de nossa amizade e de nossa construção coletiva. Lembra-se de quando, emocionados que somos, passamos as tardes em prantos depois de assistir aos episódios do documentário sobre Paulo Freire dirigido pelo Cristiano Burlan? O professor Marcos estava conosco e me lembro muito bem, que nos primeiros dias eu tentei, sem sucesso, conter as minhas lágrimas. Foi justamente depois de assistirmos ao episódio sobre a experiência de Angicos que, percebendo minha aparente comoção, o Prof. Marcos passou a palavra primeiro para você, já que não me eu precisava me recompor. Quando você abriu a câmera e o microfone, com a voz embargada e os olhos marejados, percebi que a minha história seria, talvez, igual a sua.

Quando eu ainda era estudante de Design, você era estagiário do laboratório de fotografia. Desde aquele tempo eu tinha a certeza de que você se tornaria um educador, uma vez que a maneira que você nos ensinava e envolvia, já o fazia se distanciar de seu papel, pontal de técnico de laboratório.

Se somos parecidos, José, você com seu olhar e suas imagens, eu com meus devaneios e poemas, deve ser por isso que voltamos a nos encontrar no grupo Perspectiva Ecologista. Quando eu defender meu doutorado, você estará em processo de conclusão do seu. Agora, meu amigo Girassol, somos educadores-pesquisadores-ecologistas.

Ao Girassol Leonardo

Prepare o seu coração
Pras coisas que eu vou contar
Eu venho lá do sertão,
eu venho lá do sertão
e posso não lhe agradar

Geraldo Vandré e Théo de Barros. Disparada.

Para ouvir: <https://www.youtube.com/watch?v=t5WJJPJcNiB8>

Querido Leonardo, meu amigo Maranhense. Gostaria que me emprestasse um pouco de seu vocabulário. É que, diante de tanta beleza que você me apresenta de seu sertão, mal consigo escolher palavras que sejam minhas. Tenho assistido aos seus seminários desde o início de sua pesquisa e pude, também, participar de sua banca de qualificação.

Na bela exposição pude perceber que ambos falamos de sertões. Essa música, Disparada, aliás, estava em outro canto de meu trabalho e eu faço questão de trazê-la para cá, junto deste espaço que é seu. Nosso trabalho se une no cultivo da terra e se distancia pelos nossos contextos geográficos e culturais.

Leonardo, você que se dizia “positivista, professor de metodologia de pesquisa” pode expressar-se com verdade e poesia nas tantas histórias que conta na sua pesquisa. Devo dizer, meu amigo, que eu também me considerava assim. Há, inclusive, um fato que me veio à cabeça ao escrever este texto para você:

Em umas das turmas em que trabalhei na Universidade, em dado momento, cheguei ao texto acadêmico-científico. Ainda organizada e metódica, preparei um lindo discurso sobre as normas, sobre a importância da leitura. E, lá no fundo, uma estudante levanta e diz: “professora, sou estudante de Psicologia e estou fazendo esta disciplina com você, aqui, nesta turma de Engenharia. Gostaria de dizer que faço iniciação científica e eu tenho visões diferentes sobre o tex-

to acadêmico”. Não entendi muito bem e não quis seguir a conversa. Lembro-me até que fiquei levemente irritada pela contrariedade e nem sei como respondi à estudante. Fato é que nunca me esqueci daquele dia, em que uma estudante contrariou um discurso que preparei e que, no fundo, não era meu.

Algum tempo depois, quando já era doutoranda, o professor Marcos fez uma menção a mim no Facebook, indicando um texto para leitura. Um comentário surgiu na sequência. A autora era a estudante que nunca esqueci: Laura de Aro. Segundo o Professor Marcos, Laura não era sua orientada, mas frequentava o grupo e se tornou muito próxima dele e da Marta Catunda. Concluiu o mestrado em Setembro de 2021, sob a orientação da Mary Jane Spink. Neste momento também, gostaria de abraçar a Laura e dizer que, agora, compreendo sua manifestação.

Leonardo, imagino que, em contextos diferentes, esta conversa faz parte desta nossa transformação aqui no grupo dos Ecologistas. E é uma alegria, ainda, perceber em tempo que pudemos perceber o nosso lugar e produzir nossos discursos. Não duvido, Leo, que daqui em diante, nossa trajetória será de eterna disparada.

Ao Girassol Givanildo

*Quando eu vim de Minas comprei uma saia azul
Azul diamantina, tipo furta cor
Dessas que nao tinha igual a outra e outra igual
Dessas que combinam com blusa de flor
Beijeí meu pai dei benção à mãe,
olhei pra trás vi Minas dando adeus
Beijeí meu pai dei benção à mãe,
olhei pra trás vi Minas dando adeus*

*Quem tem uma saia
que leva pra onde for,
encontra em outro lugar, Minas por lá blusa de flor
Quando uso a saia azul e saio a passear
é um contentamento q eu sinto leve
e o vento me leva*

Ceumar. Saia azul: <https://www.youtube.com/watch?v=p0LKq2PjAyQ>

Givanildo, do olhar sensível. Lembro-me muito de todos os seus seminários e das histórias de Minas e, ainda, das nossas convergências de pensamentos e de caminhos de roça. Me lembro especialmente do texto sobre o beija-flor. Era uma tarde em plena pandemia e eu tinha acabado de observar, na casa dos meus pais, um exemplar, sorrateiro deste pássaro se deliciando da água doce que fora colocada no pote plástico.

Como era de costume, me emocionei com seu texto, mas esta foi uma emoção diferente: a ternura do pássaro que, ao visitar a flor, leva um pouco dela e deixa um pouco de si. Nesta tarde, o professor Tiago Barnabé estava conosco. Ele, então, fez uma bela descrição do beija-flor e ampliou o seu texto. Desde então, sempre que vejo um deles, lembro-me de você. Seu relato de encontro com a Educação e com a Perspectiva ecologista. Seu olhar mineiro, de quem veste saia azul.

Somos todos beija-flor, Giva, na amorosidade e na boniteza. Em Minas e na Padaria Real. Olhando lavrador ou a Rosa de Hiroshima.

Ao Girassol Tânia

*A sombra do pé de mangueira
Dava um tapete de folhas secas
Que mãe varria na segunda-feira
Num quintal grande, sem cercas*

Musicada por Luiz Bonfá. A sôbra da mangueira: <https://www.youtube.com/watch?v=8DWXgogiRXc>

Meu olhar para Tânia é de admiração. Que beleza era ouvir você falar. Quanta riqueza em cada olhar sobre meu texto, quanto carinho ao sugerir o que me inspirou.

Pude participar, aos prantos, de sua defesa de tese, Doutora Tânia. Você chorava daí e eu daqui. Minha amiga viajante, agradeço por compartilhar seu trajeto. E me coloco assim como quem lhe admira, aqui do começo da minha história. Queria poder, Tânia, sentar-me com você sob a Mangueira. E ouvir aquele silêncio que nos atordoa. Você está na minha tese. Estamos em sintonia e em construção

Ao Girassol Íris

*Hoje não vou mais partir
Você voltou de vez
de mala, cuia
e um presente:
a promessa de continuar a fazer da minha vida
um bordado de renda, de chita filó*

Brocal dourado...

Tulipa Ruiz. Brocal Dourado. Para ouvir: <https://www.youtube.com/watch?v=3QWOywh71s>

Lá está ela, bordando com palavras. Tecendo histórias, imaginando e colorindo. Íris, que nos confidenciou sua dificuldade de escrita, mas que mostra-se tão proficiente em seu texto. Como é bela a maneira que você traz as suas, muitas leituras, para o seu tapete de histórias.

E que alegria ver que nosso texto também se encontra, nesta nossa dimensão estética e política.

Nunca me esquecerei, Íris, quando você se dirigiu a mim depois de uma apresentação de quando ainda não era pesquisadora ecologista: por que você ainda não está conosco? Também não esquecerei dos textos que compartilhou comigo, sempre que ao fazer uma leitura lembrava de meu trabalho. Aqui nesta espaço vai meu agradecimento.

Estou honrada por estar com você, brocal dourado.





Flores perfumadas



Figura 47: Sr. José volta à sua escola. Foto: A autora



Figura 48: Sr. José volta à sua escola. Francisco conhece a escola rural.
Foto: A autora

Flores perfumadas

Neste espaço, apresentam-se os devires desta tese. Ao que se pretendia e ao que se apresentou. Aos aromas que podem ser percebidos pelas vielas, ruas, campos e plantações. O que se pode perceber neste tempo, neste espaço e nestas condições de elaboração.

Na porta do Jardim: O prédio da escola

Desde que contei a meu pai que estava escrevendo em minha tese sobre sua história e sobre a história dos seus, ele insistia comigo para que fôssemos ao antigo prédio da escola onde ele estudou três anos durante a sua infância. Ele dizia que o prédio ainda estava lá e que gostaria de me mostrar como era.

Tudo estava planejado para que, em 2021 eu pudesse ir ao sítio ver a escola e conversar com pessoas que ainda moravam perto dela. No entanto, no mesmo ano o inesperado nos surpreendeu. A pandemia de COVID-19 chegou carregando muitas transformações e eu me vi em meio à tarefa de escrever uma tese sobre pessoas, sendo impedida de chegar até elas.

Estas condições me fizeram mudar meu propósito inicial no que se referia à metodologia que usaria para me aproximar destas pessoas e destas histórias. No entanto, depois que recebemos a segunda dose da vacina, às portas de minha qualificação, decidi arriscar e viajar até o sítio captar algumas imagens e conhecer o espaço da escola.

Meu pai lembrava exatamente o caminho e chegamos à escolinha facilmente. Agora, era uma casa, com moradores, uma cadeira à frente da porta e um cachorro latindo avidamente para avisar seu dono que estranhas estavam ali. Meu pai, na verdade, não era tão estranho naquele lugar. Ele se lembrou, com detalhes de todo o caminho que percorria do sítio até a escola. Lembrou-se que, na volta, parava em um poço no meio do caminho para levar água para a família. E apontou onde o poço ficava.

Contou que estudava até as onze da manhã, almoçava ao chegar em casa e ia para a roça com seu pai. Lá passava toda a tarde.

Ele diz que, talvez, tivesse aprendido melhor se conseguisse estudar em casa, depois de chegar da escola. Comentou que, embora fosse criança, “com a memória fresca”, o trabalho era muito cansativo e não sobrava espaço para as coisas da escola que não eram usadas no seu dia-a-dia. “Então, a gente tinha que escolher o que guardar na cabeça”.

Meu filho desceu do carro, espantado, para observar aquela casa tão simples que meu pai chamava de escola. Ele disse que não se parecia uma escola, porque era muito pequena. Lembrou-se que a escola dele tinha várias salas, uma quadra, uma sala de TV. Meu pai então, adiantou-se para lhe convencer de que aquela pequena casa, foi sim uma escola, ressaltando que aprendera muitas coisas no tempo em que teve a oportunidade de estudar nela...

“Se eu pudesse, teria estudado mais...Mas como não consegui, minha maior alegria é que vocês, meus filhos tenham chegado até o fim”.

Do outro lado, na estrada, dentro de um cupinzeiro, exatamente na hora que chegamos, uma galinha se protegia e bicava seus ovos. De dentro deles saíram pintinhos, que encantaram meu filho e meu sobrinho que estavam conosco. Três gerações ali estavam: pai, filha, netos. Pudemos, todos, presenciar o nascimento daqueles pintinhos e, talvez, um novo capítulo em nossas histórias.



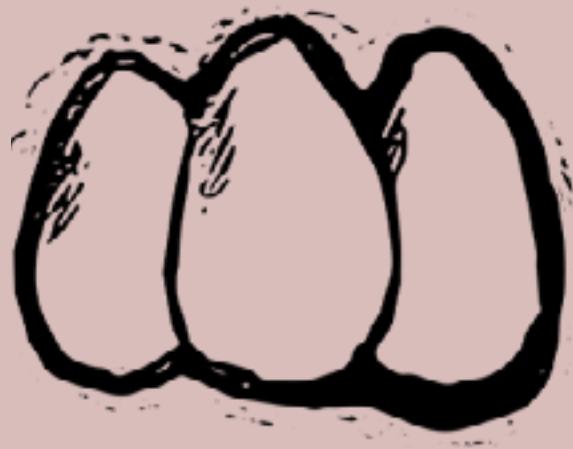
Figura 49: Ninho da galinha no cupinzeiro.

Foto: a autora.

Objeto gerador desta memória:

O item “inventário dos objetos geradores” apresenta descrição de todos os objetos apresentados ao longo da tese, que tornam-se as imagens do jogo de memórias produzido a partir deste trabalho.

Ninho e ovos



Figuras 50 e 51: Ninho e ovos. Desenho de Ana Clara Araújo de Oliveira.

Quando a tese se torna objeto de si mesma

Quando ingressei no Doutorado em Educação, meu desejo era estudar inovação e criatividade em situações históricas da educação no Brasil. Tinha a impressão de que, aqueles termos estrangeiros PBL, TBL, etc, que denominavam as chamadas metodologias ativas já eram estudados por autores brasileiros, como o próprio Paulo Freire, que pretendia colocar o estudante em posição privilegiada no processo de ensino e aprendizagem. Pensei, naquele momento, em desenvolver uma pesquisa sobre minha própria trajetória de formação, como estudante de Letras que teve a oportunidade de acessar a formação para a autonomia e para a transformação da realidade.

Estava tudo certo e desenhado no meu projeto, até que mudei de linha de pesquisa. Na nova linha, ainda carregava meu cartesianismo anterior, até perceber que no grupo Perspectiva Ecologista teria a oportunidade única de desenvolver uma pesquisa profundamente autoral: “sua oportunidade de fazer diferente é agora, não haverá outra”, brincou o Prof. Marcos em uma das orientações.

Também, na minha cabeça, estava tudo desenhado para a nova estrutura do texto de minha pesquisa: havia tomado a canção Cio da Terra de Milton Nascimento como base e desenvolveria os capítulos a partir dos verbos debulhar, recolher, afagar, conhecer. Esta tática parecia perfeita e interessante para “amarar” todos os conceitos que gostaria. Teria uma tese, poética, mas ao mesmo tempo “redondinha”, como considerava uma tese perfeita.

Foi quando percebi que, ao escolher a canção de Milton Nascimento e Chico Buarque, remeteria ao trabalho de meus antepassados, mas ao mesmo tempo, faria alusão às suas condições de sobrevivência. Ou seja, o trabalho na lavoura não era essencial para a felicidade, mas indispensável para que pudessem se manter, em suas necessidades básicas no sistema econômico vigente.

Decidi, então, mudar de foco. Da lavoura e dos verbos de ação, parti para o passeio no jardim. Afinal, era nos momentos de cultivo de jardim que observava o sorriso, alegria e amor dos meus pais.

Animada, contei a novidade para uma colega, de outra linha de pesquisa. “A Capes não quer saber disso, disse ela”. Então, passei a desenvolver uma reflexão profunda sobre o comentário desta colega.

Estava já no terceiro ano do curso, nível de formação que me permitiria a oportunidade de conhecer o trabalho do Prof. Marcos e dos meus colegas do grupo Perspectiva Ecologista com profundidade maior, decidi me assumir como tal: uma pesquisadora, efetivamente, Ecologista.

Ao assumir-me Ecologista, encontro amparo e inspiração em pesquisas desenvolvidas ao longo de anos de trabalho e estudos, como aponta o levantamento desenvolvido pelo colega Guilherme Silva, no contexto de seu pós-doutoramento sob a supervisão do Professor Marcos Reigota.

Esta necessidade de convencer o leitor de que “meu trabalho é ciência” torna a minha tese objeto dela mesma. Ora, quando a minha opção é retratar estas pessoas, invisíveis, preciso também reconhecer o compromisso ético – que assumo – de fazer com que a minha tese chegue, efetivamente a estas pessoas.

Com isso, aquele meu interesse em pesquisar criatividade e inovação mudou de faceta, mas permaneceu como pano de fundo deste trabalho, amparando sua maneira de apresentação, seu processo de construção e sua relação com os leitores, que também são sujeitos dela.

Ou seja, a tentativa de me aproximar, pela linguagem, destas pessoas “invisíveis” me permite exercitar uma também uma nova forma de escrita. Quando me proponho a apresentar, no banco do jardim, os autores complexos com os quais tive contato, me proponho também a tornar a minha linguagem um meio de

aproximação destas pessoas, para que elas se sintam de fato, incluídas.

Assim, esta tese também é um exercício de deslocamento e transgressão. Concomitantemente, sendo exercício de deslocamento, em absoluto, não deseja negar a ciência, tampouco, desqualificar a linguagem que traduz os princípios científicos. Não desejo que esta tese se torne um modelo. Desejo, sim que se apresente como uma possibilidade de aproximação, via linguagem, de efetivamente, quem eu sou: “eu, doutora, sou como você, humana”.



Passaredo

Passaredo

Neste espaço, o jardim se apresenta a seus primeiros leitores. No passaredo, encontra-se o Jogo das Memórias, desenvolvido a partir dos objetos geradores que motivaram as lembranças aqui narradas. O jogo, como conteúdo pedagógico, convida para que outros leitores possam construir sentidos e aprendizagens. O nome deste canto do jardim é dedido à passarinha Marta Catunda.

Na porta do Jardim: Olho o olho que me olha

A primeira pessoa com quem compartilhei a ideia de cultivar um jardim em minha tese, foi o Prof. Roberto Samuel, dono da flor do professor.

Eu sabia que ele tinha o costume de fotografar as flores que encontrava em seu caminho e em seu próprio jardim. Numa tarde, então, enviei a ele o texto das primeiras páginas da tese e pedi que me ajudasse compartilhando algumas fotos de flores.

Pouco depois recebi cerca de 50 e-mails e 50 diferentes histórias de flores. Além dos e-mails, recebi uma ligação dele: era 23h00 de uma quarta-feira e eu havia acabado de chegar em casa depois de uma aula presencial. Conversamos por muito tempo. E ele lembrou: de quando foi professor na Amazônia, de quando leu Paulo Freire pela primeira vez. Lembrou-se que, no processo de alfabetização, a cartilha Caminho Suave incluía a palavra “queijo”. E as crianças da Amazônia não sabiam o que era queijo. Tampouco tinham visto uma vaca. Então, ele percebeu que Paulo Freire não era só leitura.

E a tese ecoou.

O primeiro a ler a íntegra do texto foi o professor Marcos Reigota. Enviei a ele, muito apreensiva. Na manhã em que ele lia o texto, mandou-me um e-mail: “Enquanto leio sua tese, o que vejo em meu jardim”. Vieram muitas flores.

E a tese ecoou.

Antes de concluir esta versão da tese, decidi nomear este canto do jardim de Passaredo. Mas não encontrava, em meus arquivos, uma fotografia de pássaro.

Pensei, então, em pedir ajuda para meus colegas de grupo. Enviei uma mensagem no início da tarde: “Alguém tem uma foto de beija-flor ou qualquer outro passarinho?”.

A Tânia, então, saiu tentar caçar um passarinho em seu jardim. Me mandou algumas fotos, do momento. Compartilhou no grupo. Também correu atrás de uma borboleta azul, muito rápida. De lá do Maranhão, Leonardo comenta “Nossa que saudades de ver borboletas, aqui não tem. Nesses 14 anos que moro aqui nunca as vi”. O José Neto, por sua vez, achou uma pasta com fotos lindas de pássaros. Disse que foi de uma visita à casa de amigas que tiveram experiência de utilizar o método Paulo Freire na alfabetização de adultos na indústria.

Acabamos combinando de ir para a casa da Tânia ver as borboletas de perto.

E a tese ecoou.

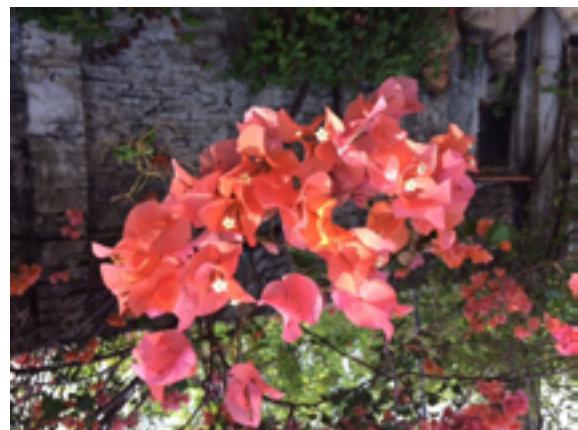
...

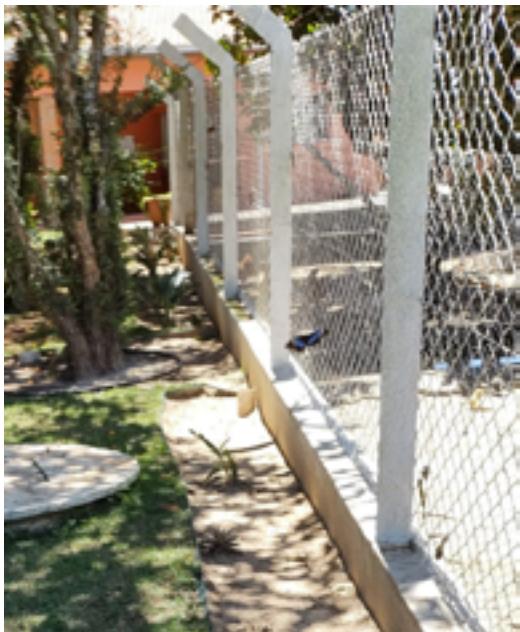
Pós-exame de qualificação, recebo, do Prof. Thiago Corrêa, integrante da banca, um exemplar de seu jardim... A partilha das flores que desabrocham, aqui e acolé, permite, ainda em todas as condições do cenário deste tempo, acreditar que esta terra está sendo adubada, as sementes germinadas ... Para o devir.



Figuras 52, 53 e 54: Jardim de Marcos Reigota.

Fotos: Marcos Reigota





Figuras 55 e 56: Jardim de
Tânia Aversi

Fotos: Tânia Aversi





Figura 57: Jardim de Thiago

Fotos: Thiago Corrêa.

Para gerar mais memórias...

Considerando a recepção desta tese como parte essencial, pensei em produzir um material gráfico que pudesse contribuir para que estas narrativas e construção de saberes pudesse chegar a mais pessoas.

A inspiração surgiu do jogo Memorelas, desenvolvido pela historiadora Joana Schossler e a designer gráfica Joana Hack, como resultado de uma pesquisa que tinha como foco a história de mulheres brasileiras e o processo de memorização.

Desenvolvi, então, o Jogo de Memórias, pensando-o como um recurso pedagógico relacionado aos objetos geradores que permitiram aflorar a memória dos sujeitos desta pesquisa. Os objetos, apresentam-se, então como os elementos principais na construção de sentidos e aparecem, nas cartas como desenhos e palavras.

O **jogo de memórias** é composto por 28 cartas que formam pares. Em cada um dos pares, há a representação visual (imagem) e a representação verbal (palavra) do mesmo objeto.



Figura 58: Jogo Memorelas: Foto e mais informações na página da editora Cecêrele no Facebook: <https://www.facebook.com/cecerele/>



JOGO das memórias

Inventário dos objetos geradores que ilustram as cartas do jogo.

Óculos

Os óculos aparecem na narrativa “Um óculos para Daniele” e apresentam-se como uma metáfora que tem a intenção de expressar os sentimentos relacionados à visibilidade e a invisibilidade, a leitura das palavras e a leitura de mundo.

Bota

As botas aparecem na dedicatória desta tese, na imagem intitulada “botas em repouso” e também no tópico “O sentido dos objetos”, ilustrando um “desobjeto” de acordo com a reflexão de Manoel de Barros.

Flor

Além de nomear cada um dos cantos do jardim desta tese, a flor está inserida com sentidos diferentes no texto “A flor do professor”. Como uma

flor que só abre e sobrevive durante uma única noite, a Dama da Noite desta tese é uma metáfora dos “eventos de descoberta” nos cotidianos de aprendizagem desta pesquisadora docente e dos sujeitos da tese.

Lista de compras

A lista de compras está presente no texto “Lista de compras”. Este objeto gerador aparece como motivador das memórias relacionadas à alfabetização e a escrita dos sujeitos da tese em suas atividades cotidianas e corriqueiras.

Farolete

O farolete é o objeto gerador do texto “O farolete e a raposa”. Na narrativa ele é elemento importante que permite observar o que estava escondido entre as árvores e pela noite.

Raposa

A raposa figura, juntamente com o farolete, figura entre os objetos geradores do texto “O farolete e a raposa”. De coadjuvante a protagonista do tex-

to, o animal evidencia a sintonia entre espaço urbano e meio ambiente e a relação dos sujeitos desta tese com suas memórias do passado que permitia a eles uma convivência diferente com os animais.

Chapéu

Nesta tese o chapéu aparece em dois trechos: “O sentido dos objetos” e “O chapéu, o facão e a íngua”. Aparece em contexto e com sentidos de leitura diferentes. No item sentido dos objetos, o chapéu é um dos objetos esquecidos, que, quando não fazem parte das atividades cotidianas de seus “donos” perdem sua razão de existir. O chapéu também, neste texto, representa um sinal de respeito e subserviência: ao entrar em local fechado, tira-se o chapéu, ao cumprimentar alguém, também.

Facão

O facão aparece na tese no texto “o chapéu, o facão e a íngua” como objeto gerador das memórias relacionadas ao “benzimento”, que, aqui re-

presenta a cultura popular caipira. Ao rabiscar com o facão no chão, repetindo as “palavras certas” pode-se curar qualquer doença: de íngua a pneumonia.

Bule de café

O bule aparece no texto “Pausa para o café” (p.46), como um objeto que participou de momentos diversos de diálogo entre os integrantes da família desta pesquisadora, estando agora esquecido em um canto do sítio, perdendo sua função, mas tendo sua memória preservada.

Espantalho

O espantalho aparece no item banco do jardim, tópico que descreve a teoria do pesquisador conversador. Ele representa um bom observador da realidade, capaz, de, talvez, dialogar e construir sentidos para a realidade que observa, além de ser o “protetor da plantação”.

Mapa

O mapa é desenhado com o auxílio do papel vegetal, no texto “O papel vegetal” (p.61). Neste espaço ele configura-se como um objeto de representação das memórias e da realidade geográfica dos seres humanos.

Escola

A escola permeia todos os cantos desta tese, mas aparece em evidência no texto “O prédio da escola”, que relata o retorno do meu pai ao espaço que abrigou sua escola primária.

Ninho

O ninho está no texto “O prédio da escola” como um objeto gerador encontrado pelo caminho sem que isso fosse planejado. No ninho, construído no interior de um cupinzeiro, uma galinha protege seus ovos e alguns pintinhos nascem justamente ao tempo de nossa observação.

Ovo

O ovo, carregado de simbológicas nas diferentes culturas, aqui aparece no ninho encontrado durante o acontecimento da memória narrada no texto “O prédio da escola”.

Sugestões para uso das cartas que acompanham a tese.

Maneiras de jogar:

Jogo de memórias – a partir de 2 jogadores

Embaralhar e distribuir as cartas sobre a mesa com a face com os conteúdos voltada para baixo. Cada jogador vira duas cartas, tentando formar pares entre palavras e imagens. Caso ele forme o par, guarda consigo as cartas. Caso as cartas sejam diferentes, passa a vez para o próximo jogador. Repetem-se as jogadas até que todas as cartas da mesa estiverem associadas a seus respectivos pares. Vence o jogador com mais pares formados.

Objetivo: Trabalhar a integração entre os estudantes e o processo de memorização.

Escrita criativa

Para este exercício será necessário utilizar as fichas de gêneros textuais disponíveis no kit do jogo de memórias. A atividade pode ser realizada em grupos de até 14 pessoas.

Preparação:

O professor ou mediador da atividade embaralha as cartas com imagens e texto verbal separadamente.

Em seguida, distribui duas cartas para cada um dos participantes, uma com imagem e outra com texto.

Na sequência, o professor sorteia um dos gêneros textuais: poema, conto ou crônica.

Descrição do exercício:

A proposta é que os estudantes desenvolvam um texto escrito que contenha, obrigatoriamente, a palavra e uma “tradução verbal” da imagem que sortearam. O texto deve se apresentar no gênero sorteado na etapa de preparação.

Objetivo:

Estimular a escrita criativa, trabalhar os gêneros textuais poema conto e crônica.

Nuvem de palavras

Este exercício pode ser feito em grupos de até 14 pessoas. O mediador deve separar do monte somente as cartas que contenham imagens e distribuir entre os participantes.

Individual

Cada participante deve preencher a folha “nuvem de palavras”, que se encontra como anexo na caixa do jogo de memórias, com palavras que poderiam ser relacionadas à imagem que receberam.

Exemplo: Se a imagem sorteada foi o café, as palavras que apareceriam na nuvem poderiam ser: bule, xícara, mesa, família...

Com o grupo

O professor conduz uma roda de debates a partir das palavras que apareceram nas nuvens elaboradas pelos estudantes, ampliando os significados e as possibilidades de leitura e estabelecendo relações com a realidade dos estudantes.

Objetivo:

Desenvolver o diálogo e a oralidade. Estimular a reflexão acerca das possíveis associações entre texto verbal e imagens e as diferentes leituras e olhares.

Palavra puxa palavra: texto colaborativo

Esta atividade pode ser realizada em grupos de até 14 pessoas.

Preparação: o professor embaralha somente as cartas com palavras e distribui uma para cada participante. Ele, então, inicia a escrita de uma narrativa em prosa e, na sequência passa a folha para um estudante continuar a história, inserindo, obrigatoriamente a palavra sorteada por ele.

O professor marca no relógio o tempo de 5 minutos.

Quanto o tempo chega ao fim, o estudante passa a folha para o colega que estiver sentado a seu lado, para que ele continue a história. O processo deve se repetir até que todos os tenham recebido a folha e colaborado na construção da história.

Ao fim, o professor faz a leitura da narrativa para a turma e conduz uma reflexão sobre seu conteúdo e sobre o processo de escrita colaborativa.

Cartas do jogo da memória. Imprima e recorte para jogar. Escolha uma das maneiras de jogar ou crie suas próprias regras.





Cartas do jogo da memória. Imprima e recorte para jogar. Escolha uma das maneiras de jogar ou crie suas próprias regras.



Cartas do jogo da memória. Imprima e recorte para jogar. Escolha uma das maneiras de jogar ou crie suas próprias regras.



Cartas do jogo da memória. Imprima e recorte para jogar. Escolha uma das maneiras de jogar ou crie suas próprias regras.



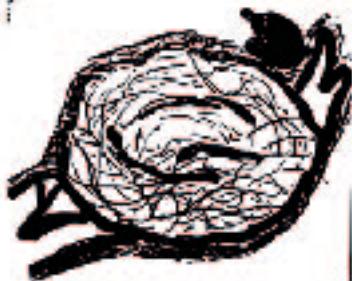
Cartas do jogo da memória. Imprima e recorte para jogar. Escolha uma das maneiras de jogar ou crie suas próprias regras.



*** Mapa ***
MA-PA



*** Mapa ***
MA-PA



*** Ninho ***
NI-NHO



*** Ninho ***
NI-NHO

Cartas do jogo da memória. Imprima e recorte para jogar. Escolha uma das maneiras de jogar ou crie suas próprias regras.



Cartas do jogo da memória. Imprima e recorte para jogar. Escolha uma das maneiras de jogar ou crie suas próprias regras.

Referências

AGOSTINI, Nilo. **Os desafios da educação a partir de Paulo Freire e Walter Benjamin**. Petrópolis, RJ: 2019.

AVERSI, Tania; ALMEIDA, Valter. **30 Anos No Quintal- Trajetórias Atravessadas Pela Educação Ambiental**. São Paulo: Pontes, 2019.

BARCHI, Rodrigo. **Educação ambiental e(eco)governamentalidade**, Ciência & Educação, vol.22, n.3, p.635-650, 2016.

BARCHI, Rodrigo. **A Marcos Reigota e sua vibrante presença ecológica, militante, freireana e pacifista (e vice-versa) entre nós**. Revista Utopia y Praxis Latinoamericana - Revista Internacional de Filosofía Iberoamericana y Teoría Social - Universidad del Zulia, Maracaibo, Venezuela, Facultad de Ciencias Económicas y Sociales, Centro de Estudios Sociológicos y Antropológicos (CESA), v. 22, n. 79.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.

BOSI, Ecléa. **Lembranças de velhos**. Queiróz Editora: 1983, 1ª. Reimpressão.

BURLAN, Cristiano. **Paulo Freire: Um Homem do Mundo. Documentário**. São Paulo: SESCTV, 2020.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do rio bonito**. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação de seus meios de vida. São Paulo: Edusp, 2017.

CATUNDA, M. (2013). **A B C dos encontros sonoros: entre cotidianos da educação ambiental**. Tese (Educação e Cotidiano Escolar). Programa de Pós graduação em Educação: Universidade de Sorocaba – UNISO.

COSTA, Murilo. **Sofrimento**. Osasco, SP: Novo Século Editora, 2010.

FOUCALT, Michel. **O que é um autor?**. Bulletin de la Societé Française de Philosophie, 63º ano, no 3, julho-setembro de 1969, ps. 73-104.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire**. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Gilberto. **Algumas assombrações do Recife Velho**. Adaptação de André Balaio e Roberto Beltrão. São Paulo: Global, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. **À Sombra Dessa Mangueira**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019, 12ª edição.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2020

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo; FREIRE, Nita; OLIVEIRA, Walter Ferreira. **Pedagogia da Solidariedade**, Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Dialogando Com A Própria história**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FROCHTENGARTEN, Fernando. **Caminhando sobre fronteiras**. O papel da educação na vida de adultos migrantes. São Paulo: Summus Editorial. 2009.

FROCHTENGARTEN, Fernando. **Memórias de vida, memórias de guerra**. São Paulo: Perspectiva, Fapesp-SP, 2005.

GOMES, Luiz Fernando. **Beneclito**. Causos do Leôncio e outros causos. Sorocaba: Academia Sorocabana de Letras, 2020.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso; DE CODES, Davi (orgs). **Na Pele do Mundo: Educações Ambientais**, Florianópolis: CasaTrês, 2020.

HATOUM, Milton. **Relato de um certo Oriente**, São Paulo, Cia das Letras: 1989.

HATOUM, Milton. **Dois irmãos**, São Paulo, Cia das Letras: 2000.

HATOUM, Milton. **Pontos De Fuga**. São Paulo: Cia das Letras: 2019.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: MEDIAFashion: Folha de São Paulo, 2021.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A Queda Do Céu: Palavras De Um Xamã Yanomani**., São Paulo: Cia das Letras, 2016.

MACIEL, Maria Esther. **A memória das coisas**. Rio de Janeiro, Lamparina Editora, 2004.

MELO NETO, João Cabral. **A Educação Pela Pedra E Outros Poemas**. Rio de Janeiro:Objetiva, 2008.

MARASCA, Elaine. BOSCHETTI, Vânia Regina. **Primeiro o primário**: a educação elementar no Brasil, no ideário de Anísio Teixeira. Disponível em: < <https://www.serie-estudos.ucdb.br/serie-estudos/article/view/969/pdf>>. Acesso em 19.jan.2022.

MOSCHETA, Murilo; VILELA e SOUZA, Laura; RASERA, Emerson (orgs). **A Dimensão Política Do Pesquisar No Cotidiano**. São Paulo:LetraeVoz/ ANPEPP, 2020.

PROFETA, Guilherme.; ZANELLA, Lígia. **Projeto Hibakusha**. Sorocaba: Edição do Autor/Catarse, 2020.

REIGOTA, M Marcos. **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC,2019.

REIGOTA, M. **A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna**. São Paulo: Cortez, 1999.

REIGOTA, Marcos. **Environmental education in Brazil and the Influence of Paulo Freire**, Oxford Research Encyclopedia of Education, v. April,p.1-13, 2020.

REIGOTA, Marcos; PADRO, Bárbara Heliodora Soares do (orgs.). **Educação ambiental: utopia e práxis**. São Paulo: Cortez, 2008. (Coleção cultura, memória e currículo; v. 8)

SANCHES, Roberto Samuel. **Simplesmente Aldo Vannucchi e sua história de vida**. São Paulo:Eduniso,2021.

SPINK, Mary Jane Paris. **Viver em Áreas de Risco: Reflexões sobre Vulnerabilidades Socioambientais**, São Paulo:Terceiro Nome/EDUC, 2018.

SPINK, Peter Kevin. **O pesquisador conversador no cotidiano**. Psicologia & Sociedade; 20, Edição Especial: 70-77 2008

TOLEDO, Marleine Paula Marcondes e Ferreira. **O ato de redigir**. São Paulo: Nankin Editorial, 2008.

WUNDER, A., ROMAGUERA, A. R. T., & Marques, D. (2017). **Ciranda de experimentações: giros que ressoam forças**. *EDUCAÇÃO E FILOSOFIA*, 31(63), 1539-1557.



Figura 59: Minha banca de defesa projetada na TV da sala dos meus pais. Foto: Luciana de Oliveira,



Figura 60: D. Nirce e Sr. José Augusto assistem à defesa. Foto: Luciana de Oliveira.

Os sinos dobram
Dobram a esquina radiante
O céu espia mais azul que antes
Os mortos andam como eu nas avenidas
O sangue escorre da mesma ferida
Ergo as mãos pro alto
Nos meus dedos, os anéis
Flores crescem no asfalto de baixo dos meus pés
Tudo silencia
Ouço só meu coração
A rua acaba e meus sonhos vão
Piso na poça, uma moça estende a mão
Meus olhos brilham, vejo o céu no chão
Ergo as mãos pro alto
Nos meus dedos, os anéis
Flores crescem no asfalto de baixo dos meus pés
Deixo o dia para trás
Só no sonho a noite me traz
Deixo o dia para trás
E a dor